

**CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS E CRESCIMENTO ECONÔMICO ENTRE  
HAITI E REPÚBLICA DOMINICANA<sup>1</sup>**

**MOVEMENT OF MERCHANDISE AND ECONOMIC GROWTH BETWEEN HAITI  
AND THE DOMINICAN REPUBLIC**

Guerby SAINTE<sup>2</sup>

**Resumo:** O trabalho tem como objetivo levar uma discussão sobre a circulação de mercadoria e crescimento econômico entre Haiti e República Dominicana. Nesse sentido, discute-se de que forma os Estados mantêm a implementação das normas nacionais e internacionais na dinamização e circulação de mercadoria entre os dois países. Além disso, busca analisar também de que forma as duas economias apresentam suas divergências e complementaridades devido às políticas construídas e de que maneira tais relações comerciais repercutem não exclusivamente sobre as economias nacionais e regionais, mas também sobre as vidas e as relações dos fronteirizos que cruzam os limites territoriais para promover trocas de mercadorias. A metodologia utilizada na realização desse trabalho baseia-se em pesquisas teórica e bibliográfica que discutem o crescimento econômico e circulação de mercadoria entre os dois países insulares. Espera-se verificar como essas relações comerciais contribuem para desenvolvimento socioeconômico dos países. Com essa operacionalização, verificam-se as implicações coerentes de diversas transformações na esfera econômica das populações.

**Palavras-chave:** Crescimento econômico. Comércio. Circulação de mercadoria. Territórios nacionais.

**Abstract:** The work aims to lead a discussion on the circulation of goods and economic growth between Haiti and the Dominican Republic. In this sense, it is discussed how States maintain the implementation of national and international standards in the dynamization and circulation of merchandises between the two countries. In addition, it also seeks to analyze how the two economies present their divergences and complementarities due to the policies constructed and how these trade relations have repercussions not only on national and regional economies, but also on the lives and relationships of frontiersmen who cross territorial boundaries to promote the exchange of merchandises. The methodology used in carrying out this work is based on theoretical and bibliographic research that discuss economic growth and the circulation of goods between the two island countries. It is expected to see how these trade relations contribute to the countries' socioeconomic development. With this operationalization, the coherent implications of several transformations in the economic sphere of the populations are verified.

**Keywords:** Economic growth. Business. Circulation of merchandise. National territories.

## **Introdução**

Este artigo apresenta as principais funções das relações comerciais para o fortalecimento econômico entre o Haiti e a República Dominicana, mostrando como os agentes de controle econômico contribuem tanto na gestão das normas intercambiais internacionais e nacionais para facilitar importações e exportações dos produtos legais quanto na fluidez e nas

---

<sup>1</sup> Pesquisa oriunda de projeto de mestrado financiado pela CAPES.

<sup>2</sup> Doutorando em Geografia do Instituto de Geociências pela Universidade Estadual de Campinas - guerby20102010@gmail.com

porosidades das fronteiras devido à falta de controle dos fluxos das atividades e interações dos agentes fronteiriços, impulsionando as dinâmicas de comércio informais com alguns inconvenientes para a economia do Haiti.

Além disso, demonstra como as relações promovidas pelos dois Estados apresentam algumas particularidades do meio técnico-científico-informacional, de modo que as políticas de cooperação comercial possam ser favorecidas. Ademais, são evidenciados os níveis de dependência de um país para o outro, discutindo-se como as relações representam as assimetrias existentes entre os dois Estados na valorização de seu potencial econômico e político e como a dependência de um pode contribuir para a vantagem do outro na construção das cooperações comerciais.

Cabe observar, ainda, que, às vezes, tais cooperações comerciais exteriorizam algumas restrições econômicas por meio das normas estabelecidas entre os Estados pelo fato de que elas apresentam fluxos migratórios de mão de obra e pela presença dos circuitos de atividades comerciais. A reflexão sobre o território para manter as formas de organizações do espaço econômico faz com que a mobilidade das pessoas se entrelace com os limites e, porventura, produza novas transformações nos espaços geográficos da fronteira devido à circulação dos fluxos de pessoas, capital e mercadoria realizando as atividades comerciais entre si.

### **Crescimento do comércio entre os Estados e influência dos agentes políticos no controle de intercâmbios econômicos**

Em relação à gestão da fronteira entre o Haiti e a República Dominicana através da franquia aduaneira, embora forneçam um mecanismo relativamente eficiente para a passagem de mercadorias através da fronteira sem pagar impostos, os mercados de fronteira não são o único meio de levar mercadorias informalmente (CFI, 2016). Ainda que haja poucas evidências, é possível subornar as estâncias aduaneiras para obter as mercadorias sem declará-las ou pagar menos impostos do que as obrigatórias. Posto isso, tais práticas existem em ambos os lados da fronteira e podem distorcer/fugir dos registros estatais.

É importante que ressaltemos, então, que atualmente as fronteiras porosas apresentadas são delimitadas por critérios contraditórios e diversificados de práticas da apropriação das trocas comerciais e recursos econômicos. No entanto, a fronteira põe em prática aspectos das desigualdades e táticas de dominação, de hegemonia e de agenciamento na perspectiva de estabelecer o controle sobre os fluxos de mercadorias (MEZZADRA; NEILSON, 2016). Nessa

perspectiva, o autor ressalta que tais práticas ideológicas se efetivam na mobilização do uso da fronteira como mecanismo que possibilita o usufruto por parte de algumas facções, no âmbito do crescimento da riqueza e da competição com o motivo análogo que sarcasticamente comprova os limites fronteiriços, como parte do impulso da necessidade da ordem, da estabilidade e austeridade.

Como ainda não existem políticas públicas que reconheçam as interações de fronteira, notadamente as imateriais, como socioculturais, funcionários daqueles organismos de controle nacionais, muitas vezes, por ignorar as práticas locais ou por considerá-las transgressivas dos territórios nacionais, acabam por tomar medidas arbitrárias, tais como o fechamento do posto de controle durante o período da noite pelos militares para controlar supostamente a circulação de mercadoria e de pessoas (REDON, 2010). Nessa perspectiva, existe uma lógica entre a fixidez das fronteiras e a fluidez das informações. Portanto, as políticas de fechamento de fronteiras geralmente são alusivas (CATAIA, 2013). Dessa forma, podemos perceber que as concepções de idas e vindas entre os usos e reproduções que aparecem adaptadas ao estudo da área de fronteira possuem, respectivamente, dois aspectos: material e ideal. A questão material refere-se a todos seus destaques que registram no real: as estações de costumes, os terminais, e rios. O ideal, por sua vez, expõe as atribuições que dão significado a um espaço.

Assim, os espaços nacional e internacional articulam-se, construindo relações e dinâmicas próprias e estimuladas pelos sujeitos fronteiriços. Nesses espaços, estão estabelecidas as identidades nacionais distintas que constroem e reelaboram, capazes de construir um novo lugar, com aspectos regionais. Essas áreas de fronteiras não respeitam as barreiras nem as normas estabelecidas pelos Estados, visto que há atividades e interações dos agentes fronteiriços impulsionando as dinâmicas fronteiriças informais.

Nesse contexto, evidenciou-se por ser um país mais comercial do que produtivo, com uma economia aberta, especificamente pelo motivo do comércio ilegal ou contrabando, evitando-se o pagamento de impostos alfandegários (SOUZA; GEMELLI, 2011). Nesse aspecto, Machado (2013) considera que essa área de fronteira no âmbito das zonas de fronteira contígua, formada por dois estados, integra a vida cotidiana nacional/internacional. Ademais, destacam-se as economias de mediação, em que os lucros e perdas são adquiridos por efeito de diferenças de juros e de câmbio, de diferenças de legislação trabalhista ou ambiental e, em consequência, de distintas normas institucionais ou de estatuto político que passam a explorar, de forma legal e ilegal, a essência das fronteiras internacionais dos Estados.

Segundo relatório do *Centre de Facilitation des Investissements* – CFI (2016), o fluxo de comércio informal traz alguns inconvenientes para a economia do país: em primeiro lugar,

quando os bens contornam as alfândegas, eles não pagam impostos ou taxas. A redução das receitas fiscais dos direitos de importação e outras taxas de importação podem ter um impacto significativo na capacidade do governo de fornecer serviços. Em segundo lugar, a falta de controle das normas de entrada/saída dos produtos no país pode ter efeitos negativos sobre os consumidores. Em terceiro lugar, esforços implementados para buscar uma estratégia industrial usando tarifas como um método de proteger a indústria local são notados.

Ademais, em quarto lugar, uma economia saudável e competitiva baseia-se em condições de concorrência equitativas entre empresas, mas pode ser criado um desequilíbrio entre os importadores formais, que têm de suportar custos mais elevados (em termos de impostos) e os importadores informais, que têm custos mais baixos ou que contornam as fronteiras para não pagarem impostos. E, por fim, a segurança interna é, em certa medida, baseada no controle de armas, drogas e pessoas que podem entrar no país. Um sistema onde os fluxos de mercadorias não são verificados na fronteira reduz a capacidade do Estado de manter essa segurança.

Apresenta-se uma possibilidade de que a faixa de fronteira possua alguma agilidade na mobilidade de fluxos de comércio informal, conforme os interesses de custo e de vantagem, que acarretam melhores efeitos de preços para esses comerciantes que transportam as mercadorias, aplicando-se de um lado ou de outro da fronteira. Essa maleabilidade e as características da informalidade combinam-se impecavelmente aos padrões de fronteira presentes naquela região e apontam para regular aos paradigmas socioespaciais das áreas de fronteiras a que se vinculam os Estados nacionais.

É interessante observar que os comércios informais, segundo o relatório de CFI (2016), apresentam algumas vantagens e certos custos para as empresas e consumidores, muitas vezes, evitando pagar os impostos exigidos pelos serviços alfandegários. Essas mercadorias que entram no país informalmente podem ter como consequências, em primeiro lugar: lucros mais elevados para importadores, que poderiam vender maiores quantidades de mercadorias aos consumidores a um preço mais baixo possível, ou quantidades similares, mas com uma taxa mais elevada em cada produto. Em segundo lugar, os preços são mais baixos para os consumidores, uma vez que os produtores/importadores optam por priorizar os custos mais baixos, aumentando, assim, o poder de compra dos consumidores.

No entendimento de Cataia (2013), certos aspectos econômicos possuem nódulos de redes legais que materializam aduanas, por meio da intensidade de circulação e trocas que acontecem de fato, apesar das leis e normas instituídas pelos Estados nacionais que incriminam as fronteiras, que foram sempre desgastadas pela lógica territorial estatal. As relações

comerciais estabelecidas entre o Haiti e a República Dominicana, de acordo com Souza e Gemelli (2011), podem sofrer certas ambivalências por meio das organizações territoriais. Primeiramente, proporcionam-se com o controle inflexível das barreiras fronteiriças internacionais e, em segundo lugar, ligam-se a múltiplas redes de trocas comerciais, de solidariedade, inclusive políticas e de características transfronteiriças.

Cogita-se, com muita frequência, que a lógica territorial, representada pelos padrões de ordenamento territorial por excelência dos Estados nacionais contemporâneos, pode manifestar-se por áreas onde as vinculações sociais estão limitadas e reguladas de maneira a serem construídas configurações espaciais contíguas e contínuas, usadas como representação de referência para as atividades dos agentes sociais. Contudo, as identidades territoriais tendem a justificar e passam a ser legitimadas pelas fronteiras político-territoriais (DORFMAN, CARDIN, 2014). Assim sendo, no âmbito das cobranças de impostos estabelecidos pelo serviço alfandegário do lado dominicano, de acordo com CFI (2016), a fraude pode ser explicada por dois aspectos. Ambos podem ser a consequência de isenção do imposto sobre valor agregado (IVA) ou TVA (*Taxe sur les Valeurs Ajoutées*) para os bens exportados concedidos pelo governo dominicano. Isso procede em um potencial admissível para as empresas que influenciam o sistema de diversas formas:

Em primeiro lugar, pelas mercadorias declaradas como exportações para a alfândega Dominicana que não entram no mercado haitiano. E, de fato, os caminhões que transportam esses bens voltam-se ao mercado dominicano, com a possibilidade de distorcer o jogo da competição através da economia de pagamento de seus impostos. O resultado de tal comportamento poderia ser um aumento artificial nas exportações reportadas em relação ao seu nível real. Em segundo lugar, as mercadorias que são efetivamente exportadas para o Haiti podem ser supervalorizadas por uma empresa para aumentar a restituição do imposto cobrado. Portanto, o efeito de tal comportamento seria também um crescimento artificial nas exportações declaradas à alfândega dominicana em relação ao seu nível atual (CFI, 2016).

Já no corredor das alfândegas haitianas, a medida de incentivo do IVA ou TVA poderia estimular fortemente as empresas a declararem suas exportações no lado dominicano da fronteira. No entanto, se as mercadorias entram no território haitiano, os direitos de importação devem ser pagos às alfândegas haitianas sobre os diversos tipos de produtos. Portanto, há fatores relevantes para contornar as declarações dos impostos no lado da fronteira haitiana. Independentemente da sua contextualização, não se pode negar que possui uma possibilidade coerente de que os funcionários da alfândega do Haiti sejam subornados para permitir que as importações passem sem pagar a taxa os direitos de importação. Isso tem um impacto muito

grande para as receitas fiscais do país. A Tabela 1 mostra as exportações das mercadorias informais da República Dominicana para o Haiti pelas vias áreas de fronteira sem um mínimo controle do Estado.

**Tabela 1** - Principais Produtos de Importações Informais Dominicanas do Haiti - 2017  
(em milhões de US\$).

Descrições	Ano de 2017
Calça comprida, calça com macacão, calção, e calções de algodão, para homens ou rapazes (excluídos: malha, cueca e calça de banho).	31.132
Camiseta de malha e de algodão	6.086
Tecidos de fibras sintéticas descontínuas, contendo fibras descontínuas de poliéster > = 85%, em peso, ou padrões.	727
Artigos para pesca, salabardos, rede de borboletas e redes similares; chamarizes e artigos de caça semelhantes (excluído, reclamamos de qualquer tipo e pássaros empalhados)	423
Tecidos de fio de alta tenacidade, nylon ou outras poliamidas, incluído os monofilamentos do título > = 67 decitex, e cuja maior dimensão da seção transversal ser <= 1 mm	230
Artigos de plásticos e obras de outras matérias de rubricas 3901 a 3914, N.C.O.P. (excluídos produtos de 9619 <sup>3</sup> ).	217
Misturas betuminosas à base de asfalto ou betume naturais, betume de petróleo, alcatrão mineral ou piche de alcatrão mineral (por exemplo: mástiques betuminosos, partes cortadas).	199
Tecidos de algodão, com um teor de algodão elevado, mas <85%, em peso, exceto aqueles em que o algodão é misturado exclusiva ou principalmente com fibras sintéticas ou artificiais, com peso <= 200 g/m <sup>2</sup> , tingidos	186
Máquinas de costura domésticas	175
Máquinas de costura industriais (excluindo unidades automáticas)	167
<b>Total</b>	<b>39.542</b>

**Fonte:** Dados adaptados do MICM; DICOEX (2018).

De fato, os valores das exportações informais vindas da República Dominicana para o território haitiano são mais ou menos mensuráveis, visto que a natureza desse comércio não é registrada em nenhuma instituição pública. Devido os efeitos de fortalecimento de controle das fronteiras entre os Estados, os dados de fluxos de mercadorias informais significativos relatados na tabela 1, mostra que o governo deve exercer mais controle sobre os postos transfronteiriços pelo fato de que milhões de dólares de receitas potenciais são perdidos devido à excessiva

<sup>3</sup> Código de mercadoria.

porosidade da fronteira, e esse dinheiro poderia ser usado para o crescimento da economia do país.

Quando consideramos as importações informais, ou seja, aquelas que não são registradas e são adquiridas por contrabando ou nos mercados de fronteira, essas perdas comerciais devido à informalidade, poderiam ter atingido um valor de US\$ 83 milhões a US\$ 184 milhões durante o ano de 2014 (CFI, 2016). E, segundo dados de MICM; DICOEX (2018), esses produtos de importações informais, no ano de 2017, alcançaram um valor total estimado em US\$ 39.542 milhões.

Dentre os principais produtos informais mais importantes que transitam nas fronteiras para o Haiti, estão: calças compridas, calça com macacão, calção e calções de algodão, que representaram um valor de US\$ 31.132 milhões, e também camisetas de malha e de algodão, que corresponderam a um valor de US\$ 6.086 milhões durante o ano de 2017. Há também Tecidos de fibras sintéticas descontínuas, que contaram um valor de US\$ 727 milhões, e os produtos de importações de artigos para pesca, salabardos, rede de borboletas e redes similares, que representaram um valor de US\$ 423 milhões. Dentre os outros, são produtos de importação mais destacados que cruzaram as fronteiras dominicanas para o Haiti pelas vias aéreas de fronteira durante o ano de 2017, fora do controle da fiscalização e das normas dos agentes aduaneiros.

A esse respeito de importação dos produtos informais nos diferentes portos fronteiriços, Dorfman e Cardin (2014) afirmam que as regulações que foram estabelecidas representam atribuição entre as organizações, tais como o Estado, mercado e lugares, e as agências de comerciantes e aduaneiros e contrabandistas, explicação que pode ser determinada às representações sociais.

Quando exposto a partir do Estado, o contrabando é concebido como o transporte ilegal de mercadorias entre os Estados, omitindo os impostos constituídos por meio de uma delimitação de permeabilidade seletiva regulamentada por agentes econômicos hegemônicos e políticos. Em relação às atividades fronteiriças, contrabandar é geralmente considerado um trabalho que implica certas normas vigentes nos limites territoriais do Estado (DORFMAN; CARDIN, 2014). Pode-se afirmar que, dadas suas consequências sobre os princípios legais das delimitações territoriais e interestatais, promove uma transformação nos fluxos de mercadorias gradativas e avassaladoras, com ondas de ilegalidades constatadas tanto na esfera externa quanto interna aos Estados nacionais.

Não se refere apenas à corrupção ou às diferentes práticas de atividades perversas, mas efetivamente aos comportamentos e às ações estabelecidas em paralelo às normas de cada país

e também às próprias leis internacionais. Portanto, é na área econômica que a nitidez dessa crescente onda de legal e ilegal é superior, como no caso da evasão fiscal do Estado, como o envio dinheiro sem registro, que atravessa as fronteiras estatais como defesa contra a desvalorização, e a valorização de capitais para suas empresas e seus sujeitos, ou ainda uma legitimidade por meio da bolsa de capitais (MACHADO; STEIMAN, 2002).

Cabe ressaltar que esses procedimentos de calibração realizados pelo ONE (Ofício Nacional de Estatística) para as exportações dominicanas não são realizados para a estimativa das exportações haitianas para a República Dominicana. Isso decorre, em partes, do fato de que os dados essenciais no nível das empresas haitianas não estão disponíveis no ONE e, portanto, essa calibração proporcional não parece ser feita por seus equivalentes pelo Estado haitiano. Porém, as roupas ultraprocessadas (pèpès) são as principais exportações informais nos postos transfronteiriços dos dois Estados, com comerciantes dominicanos vindos para comprar esses produtos.

Na lógica específica do comércio da fronteira, Machado e Steiman (2002) fazem lembrar que a informalidade pode acontecer quando não se submeter às leis presentes, e essas mercadorias podem fortalecer a economia das regiões, cidades e países. Assim, esses contrabandos formados passam a funcionar por meio das redes de distribuição de mercadorias efetuados legal e ilegalmente. Tais práticas de distribuição transcorrem os controles de postos das demarcações territoriais de cada país para voltar ao seu interior como mercadoria nacional ou importada, funcionam em paralelo à balança formal da exportação ou importação, que, de fato, considera como condição estrategicamente tolerada pelos Estados e também para a população do mundo afora, como um mercado paralelo de moedas estrangeiras.

Ao analisar os fatos, a norma instituída acerca do que é o contrabando e do que é a prática informal, o propósito de impedi-los é o foco dos diversos agentes que dominam/atuam no território nacional, sejam as delimitações territoriais, em diferentes postos de entrada do território estatal como portos, aeroportos, sejam nos locais no qual se efetua o consumo (DORFMAN; CARDIN, 2014). Esse comércio informal ou ilegal constituído nas redes fronteiriças é difícil de mensurar. Em consequência da mobilidade dos trabalhadores e comerciantes que cruzam as fronteiras do Haiti e da República Dominicana, são considerados os fluxos de capitais. Apesar disso, é importante diferenciar o circuito local transfronteiriço e os circuitos superiores transnacionais dos fluxos. Além do mais, atuam como mecanismo de fortalecimento dos acordos nacionais no âmbito de resolução de conflito, cooperações comerciais e de enriquecimento recíproco da população local, regional e nacional.

Desta forma, Mezzadra (2015) sustenta que, nos lugares em que se constituem as aglomerações de relações sociais, onde é acumulada as consequências das movimentações com as suas extensões da autonomia, as mobilidades de eventualidade dessas relações estendem-se pela matriz de novas configurações e tendências conflituais para imigração e emigração. Portanto, as normas multinacionais dos arranjos espaciais de fluxos de mercadorias, de redes imateriais, de capitais e das dinâmicas sociais em redes ainda se materializam como sistemas de fluxos de capitais, de bens e serviços, bem como dispersão e movimentação de população, além de mercadorias informais que circulam e cruzam as áreas de fronteiras.

De acordo com relatório do CFI (2016), essas importações não declaradas podem ser estimadas em três aspectos. Podem ser classificadas: como mercadorias que chegam pelos mercados de fronteiras (binacional) e entram no Haiti por meio dos comerciantes; como mercadorias que passam por outros corredores mal monitorados da fronteira, incluindo via marítima; e como produtos que passam por ambos os caminhos, porém sem registro pelos serviços alfandegários. Como descreve Machado e Steiman (2002), há uma dualidade que se segmenta através do reconhecimento das interações entre o sistema de acumulação capitalista e o sistema interestatal, que readquire as relações dinâmicas, tais como comunidades, organizações, indivíduos e redes de informações e de solidariedades, embasando-se nas vantagens diferentes que se estabelecem em uma estrutura em escala planetária difícil de ser controlada e aplicada a cada estado. Isso pode ser usado como uma forma de uso do território.

Na proposta de Cataia (2010), as forças centrípetas não se tornam fator imprescindível na organização das repartições em territórios de modernização subordinativa, dado que esses espaços adquirem as convergências das lógicas da globalização hegemônica, contrarracionalidades e as temporalidades internas, que às vezes determinam configurações diferentes de coexistência em relação ao meio geográfico e que foram constituídas com base na relação particular de estratégias que as comunidades territorializadas desenvolvem no decorrer de sua subsistência nos lugares. Como esse reconhecimento da comunidade com o meio expõe constante preocupação com as forças da circulação, criaram-se as caracterizações das concepções de forças de coalescências.

Portanto, os produtos importados que cruzam as fronteiras submetendo-se às normas ao pagarem os impostos estão enfrentando concorrência exercida pelos produtos que não arcam com os mesmos custos. Porém, o controle de qualidade e padrões de produtos não podem ser rastreados, aumentando assim o potencial de alguns riscos para a saúde de seus consumidores. Assim, a implementação da política industrial de uso de tarifas como ferramenta para o

desenvolvimento da produção local é extremamente difícil se muitas mercadorias entram no país por meios informais.

A questão do comércio informal e das práticas de atividades de contrabando é frágil. E uma proposta de resolução foi apontada de perto para a questão da fronteira, sem a qual as trocas são impossíveis, visto que as atividades comerciais praticadas informalmente e o contrabando estão relacionados à produção de bens e de mercadorias. No contexto da produção, a República Dominicana atinge um limiar de produção superior à do Haiti. Nesse caso, não podemos falar de relações comerciais de forma equilibrada entre essas nações, já que o fluxo de mercadorias é de mão única e alcança uma proporção ilimitada, como atualmente, em que o mercado haitiano é invadido por produtos dominicanos, tanto formais como informalmente, por contrabando ou não.

Percebe-se que os controles variam de uma mercadoria para outra e para o menos incomum, porque as cargas que revelam uma importância muito grande nem sempre estão sujeitas a um controle meticuloso, mas sim rapidamente obtém o direito de passagem. Essa fraqueza estabelecida na gestão de fronteira no lado haitiano constituiu uma falha/lacuna. Porém, esse problema de fluxos de mercadoria informal ou por contrabando não pode ser resolvido com a fronteira, que é tão porosa, e também com a crescente negligência por parte do governo haitiano.

É de fundamental relevância a guarda de fronteira monitorando os contrabandistas e haver maior fiscalização nas circulações do comércio informal na zona de fronteiras. Atualmente, com as novas técnicas de telecomunicações e de informações, o Estado deve usá-las para frear as perdas de milhões de dólares que podem ser utilizados para o crescimento da receita fiscal do país. Ademais, se o governo haitiano não adotar uma política de controle dos contrabandos e para o comércio informal ou ilegal, não impedirá que essas atividades comerciais afetem a economia haitiana.

O Estado contemporâneo e praticamente modernizado pode ser representado por dois fatores. Por um lado, a continuidade da restrição legal de ter o domínio sobre o território e a aptidão para controlar e gerenciar o aparelho administrativo e alfandegário. Na medida em que o governo do Haiti queira ser inovador, ele tem a obrigação de fiscalizar e frear a dinâmica das atividades do comércio informal e contrabando na fronteira, visto que a principal vítima/perda por meio de contrabandos de mercadoria que transitam a fronteira é o próprio governo haitiano, já que a produção do Haiti é completamente inferior à da República Dominicana.

**A situação econômica do Haiti**

O relatório do CFI (2016) aponta que as duas economias tiveram aproximadamente o mesmo nível econômico por muitos anos, mas a diferença entre os dois países começou a crescer a partir dos anos 1960. Percebe-se que no período anterior à independência de 1804, o Haiti era considerado como uma das colônias mais ricas da França por causa do interesse agrícola. Logo depois desse período, o país continuou com uma agricultura prospera. Entretanto, o território nacional nunca manteve um momento de paz ao longo de sua história política nem um crescimento econômico tão relevante. Por esse motivo, há sempre um clima de instabilidade econômica no país. Desse modo, a repressão política e a instabilidade econômica estão afastando a maioria dos investidores estrangeiros no país. Em consequência disso, o Haiti está em um dramático desequilíbrio econômico.

Constata-se que no prelúdio de década de 1980, a estrutura econômica do Haiti passou por um conjunto de reformas organizacionais, particularmente pelas reformais fiscais e abertura comercial, que conduziram à incorporação de sua economia no âmbito de trocas globais. Essas reformas buscavam proporcionar o desenvolvimento educacional, econômico e a efetividade do capital produtivo e dos investimentos.

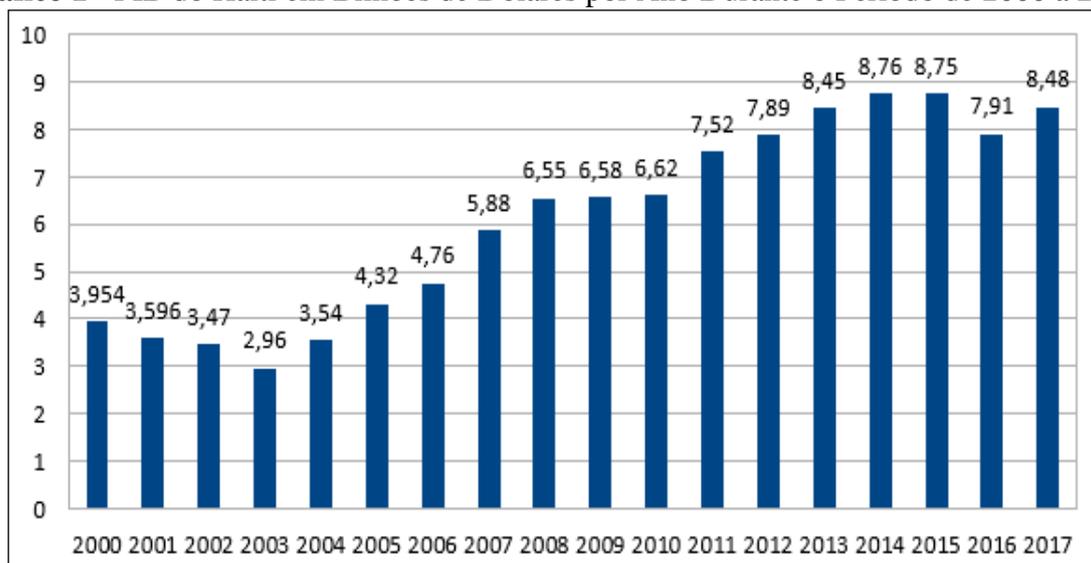
Durante esse período, os indicadores socioeconômicos do país eram baixos e se constatou uma decadência na economia. Durante os anos de 1981 até o exílio de Jean-Claude Duvalier, em 1986, o país passou a sofrer uma instabilidade sociopolítica constante que complicou as condições econômicas de sua população e, da mesma forma, constituiu um clima de repulsão política e de instabilidade social que fizeram com que o Haiti não encontrasse possibilidades de investimento para o crescimento da produção e da economia nacional.

Devido à falta de investimento, o Estado foi impelido a assumir o domínio das empresas de interesse público que têm como intuito assegurar os seus serviços. Em razão dessa instabilidade política que sempre ocorreu no território haitiano, o Estado nacional precisou fortemente de auxílio externo. Assim, Krugman e Obstfeld *et al* (2015) menciona que essa instabilidade sociopolítica, os direitos de propriedade desequilibrados e as políticas econômicas malconduzidas têm desincentivado com frequência o investimento em capitais e habilidades, e também diminuem a produtividade econômica desse país. A escassez relativa desses investimentos do Estado na economia do país contribuiu para os níveis baixos de renda per capita e frequentemente impede os países em desenvolvimento, principalmente os países do Terceiro Mundo de atingir as economias de escala a partir das quais muitas nações mais ricas

se aproveitam. Não obstante, o aspecto escassez pode ser considerado frequentemente como uma indicação de problemas mais profundos dos países.

Acerca disso, a intensa perspicácia dominicana é ainda uma representação, especificamente no setor da produção agrícola, da deterioração da condição de renda dos agentes econômicos do Haiti, modificado por transferências da diáspora haitiana e pela relevante intensidade da ajuda internacional. Portanto, esse auxílio bilateral, bem como o multinacional, é considerado como parte constituinte da economia haitiana. Além do mais, essa contribuição tornou-se um elemento fundamental para sustentar a economia nacional e também interferir no crescimento do produto interno bruto (PIB) do país. Efetivamente, esse crescimento econômico de um país pode se relacionar à mudança positiva na produção de bens e serviços do mercado em uma economia ao longo de um determinado período. Na prática, um dos indicadores mais usados para medir esse crescimento é geralmente o PIB de um país. O Gráfico 1 ilustra as oscilações do PIB da economia do Haiti.

**Gráfico 1 - PIB do Haiti em Bilhões de Dólares por Ano Durante o Período de 2000 a 2017.**



Fonte: Banco Mundial (2018). Elaboração própria do autor.

Em relação aos dados estabelecidos pelo Banco Mundial (2018), dividimos o PIB do Haiti em 4 grandes momentos. O primeiro momento compreende os anos de 2000 a 2003; constatamos que a economia do Haiti passou por uma série de dificuldades sociopolíticas. Essa crise política do país, por consequência, possibilitou o ex-presidente Jean-Bertrand Aristide a partir novamente para o exílio em 29 de fevereiro de 2004, na África do Sul. E essa crise colapsou ainda mais o circuito interno da economia nacional. Assim, no ano de 2000, o PIB do país era de US\$ 3,95 bilhões e passou a US\$ 3,6 bilhões em 2001. Além disso, no ano seguinte,

não houve um aumento no PIB, que também continuou a cair fortemente, de US\$ 3,47 bilhões em 2002, para US\$ 2,96 bilhões, em 2003.

Essa etapa foi considerada muito difícil para os agentes econômicos do Haiti devido à incerteza da crise política que a economia do país estava sofrendo durante vários anos, tornando o clima desfavorável ao investimento. Por isso, esse sistema econômico haitiano também atravessou profundos antagonismos que bloquearam os fatores para um processo sustentável de acumulação de riqueza e investimento do capital. Ademais, esses antagonismos foram reforçados para o longo período de recessão pelos últimos dez anos e afetaram todos os estratos socioeconômicos do país. E as consequências adversas de um ambiente especificamente difícil marcado por um conjunto de perturbações impossibilitaram a recuperação das atividades econômicas desse país.

Já no segundo momento (2004-2010), percebe-se que o PIB do país voltou a crescer levemente devido à estabilidade sociopolítica nessa época. Com forte presença da comunidade internacional no país, especialmente a MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para Estabilização em Haiti), que assumiu o controle do território haitiano, houve certa e curta estabilidade no país e também no fluxo de ajuda humanitária levada para a população haitiana. Ademais, a transferência efetuada pela diáspora teve uma interferência muito grande sobre a economia haitiana.

Conforme dados de Banco Mundial (2018), a economia haitiana possui a melhor taxa de crescimento na pós-crise econômica, porém o PIB cresceu de US\$ 4,32 bilhões, em 2005, para US\$ 4,76 bilhões, em 2006, e 5,88 bilhões, em 2007. De acordo com o relatório do Institut Haïtien de Statistique et d'Informatique (IHSI) de 2007, o relaxamento político que prevaleceu durante 2007 foi um grande trunfo na atenuação das perturbações sociais e, assim, criou um ambiente mais favorável aos negócios do que em 2006. As atividades econômicas nesse período continuaram em trajetória ascendente desde 2005, com aumento de 3,2% no PIB. Esse crescimento foi resultado do desempenho combinado dos três principais setores da atividade econômica (primário, secundário e terciário), cujo valor adicionado registrou crescimentos respectivos de 2,9%, 2,4% e 4,4%.

Segundo dados disponibilizados pelo Banco Mundial (2018), a economia haitiana experimentou crescimento significativo. De acordo com IHSI (2009), com um crescimento modesto de menos de 1% do Produto Interno Bruto (PIB) observado em 2008, a economia haitiana teve um melhor desempenho em 2009, ao apresentar uma taxa de crescimento de quase 3% em termos reais. Este crescimento resultou dos efeitos combinados de um aumento nas atividades dos três os principais setores da economia: primário, secundário e terciário, que

registraram crescimentos de 5,2%, 4,1% e 0,9%, respectivamente. Assim, os dados do Banco Mundial (2018) refletem que a economia do Haiti teve um leve crescimento durante os anos de 2008, 2009 e 2010 em seu PIB, respectivamente, de US\$ 5,55 bilhões; US\$ 5,58 e US\$ 6,62 bilhões.

É importante ressaltar que, no terceiro momento (2011-2015), o PIB da economia haitiana continuou a crescer de maneira acelerada. Segundo dados disponibilizados pelo IHSI (2012), em 2012, a economia haitiana registrou crescimento de 2,8% no PIB, refletindo uma taxa média anual de crescimento de cerca de 4,2% nos últimos dois anos. Porém, essa taxa de crescimento esperado aumentou 4,5% em 2012. Portanto, o aumento do PIB mostrou-se menos robusto em relação a 2011, quando havia crescido 5,6%.

Essa desaceleração em 2012 acompanhou a evolução mista dos principais setores da atividade econômica. Percebe-se que, entre os setores que mais contribuíram para o crescimento em 2012, destacam-se: a) Indústrias Manufatureiras, cujo valor adicionado aumentou 7%, devido ao bom desempenho do ramo de indústrias de alimentos, bebidas e tabaco (14%); (b) Edifícios e obras públicas, que cresceram 5%; c) comércio, restaurantes e hotéis, com 3,7% de crescimento.

No entanto, a economia haitiana não alcançou a meta de crescimento de 3,6% estabelecida para o ano fiscal de 2013-2014. De acordo com estimativas preliminares, o PIB, em volume, cresceu 2,8%, uma desaceleração em relação ao ano anterior, quando a economia havia cruzado a barreira do crescimento de 4%. Essa desaceleração pode ser atribuída a vários gargalos que a economia nacional enfrentou em 2014. Mesmo assim, o PIB nacional teve um leve crescimento, passou de US\$ 8,45 bilhões, em 2013, para US\$ 8,76, em 2014, destacando-se que o PIB do Haiti foi de US\$ 8,75 bilhões em 2015.

Desse fato, constata-se que, durante esse momento, a economia haitiana enfrentou alguns obstáculos. Em primeiro lugar, pode-se constatar as complexidades relacionadas à lei orçamental de 2013-2014, que impossibilitou a execução adequada dos projetos de infraestrutura que poderiam facilitar o crescimento da economia e também a geração de empregos. Em segundo lugar, a incerteza criada por uma situação política, pelo menos nebulosa, que afetou o dinamismo, como mostrado no ano anterior. Em terceiro lugar, é as situações climáticas não foram muito estáveis, já que algumas regiões do país vivenciaram uma severa seca que afetou a atividade do setor agrícola. E, por fim, houve a redução do auxílio externo, também com consequências negativas para o financiamento de certas atividades no país.

Depois de três anos subsequentes de crescimento econômico quase análogo, vem o quarto momento (2016-2018), em que, conforme estimativas do IHSI (2016), o PIB mostrou crescimento de 1,4% no ano 2016. Portanto, essa taxa de crescimento foi considerada bem abaixo da meta de 3,6% estabelecida no início do período fiscal de 2015-2016. Nesse contexto, esse período foi marcado por turbulências sociais e políticas, como manifestações de rua e greves, tornando um período difícil para os agentes econômicos do país. Isso levou a uma queda no PIB do país que, segundo, os dados do Banco Mundial, passou de US\$ 8,75 bilhões, em 2015, para US\$ 7,91 bilhões, em 2016. De fato, o ano fiscal de 2017 também foi muito complexo para a sociedade haitiana, marcado pela passagem do furacão Matthew, pelo fim da turbulência eleitoral de 2016, pela saída do governo de transição e também pela instalação do novo governo local. Esses fatores citados implicavam condição de incerteza para a economia haitiana e até uma expectativa de uma mudança de prioridade entre os agentes econômicos privados e públicos. Dentro desse período, a taxa de crescimento do PIB acelerou de 1,2%, em 2017, para 1,5%, em 2018.

Segundo o Banco Mundial (2018), o PIB haitiano aumentou para US\$ 8,48 bilhões no ano de 2018. Sendo assim, esse leve crescimento ocorreu no contexto de aumento do déficit orçamentário, que passou de 1,9%, em 2017, para 4,3% do PIB, em 2018, e que é cada vez mais financiado pelo Banco Central. Como consequência, a moeda nacional (gourde) continua a se depreciar, impulsionando a inflação a cerca de 15% ao ano, prejudicando ainda mais as camadas mais pobres no país. Esses desafios macroeconômicos combinados com a baixa cobrança de impostos impossibilitam o governo de aumentar as dotações orçamentárias.

Tendo em conta que estrangulamentos particulares que a economia haitiana teve que confrontar em 2017, o ano de 2018 deve ser mais promissor, já que não houve furacão de igual como no ano anterior. E em termos de estabilidade política, esse ano foi relativamente calmo, com poucas manifestações e movimentos de greve, possibilitando, assim, um espaço mais acessível aos negócios.

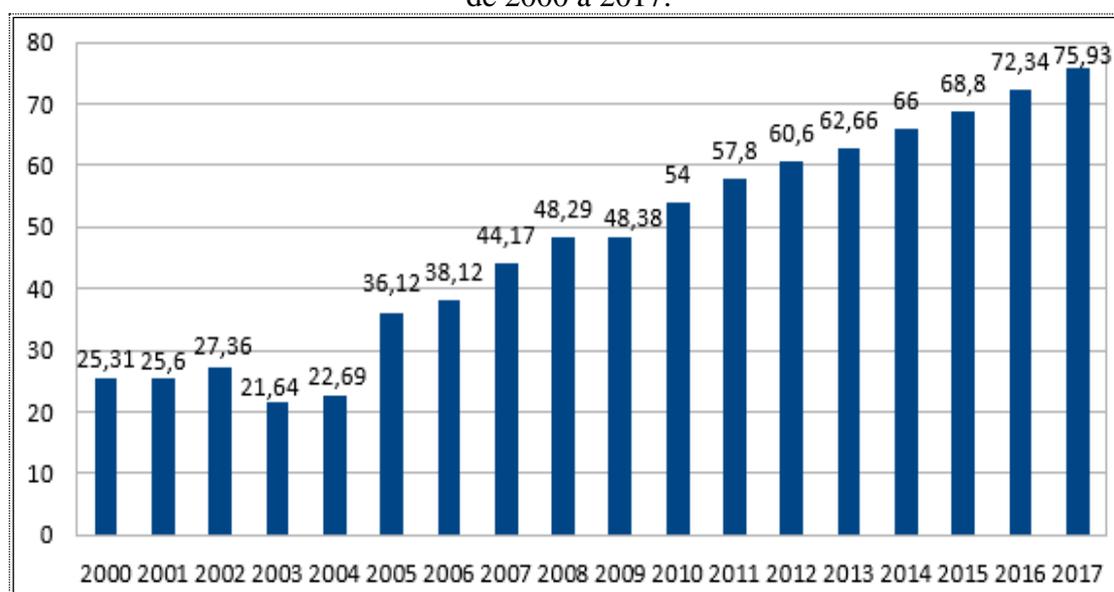
### **A estrutura e dinâmicas econômicas da República Dominicana**

A República Dominicana possui uma economia mais forte e mais dinâmica do que a haitiana. No curto prazo, a economia dominicana obteve alguns benefícios e se posicionou no cenário regional para se integrar melhor à economia global. No entanto, no médio e longo prazo, dada a conjuntura atual, a economia do Haiti se tornará um fardo pesado demais para sustentar,

o que seria um golpe para o seu vizinho em fase de crescimento, que ainda hoje é uma pequena economia para a renda intermediária.

Além disso, a política macroeconômica da República Dominicana é composta por um conjunto de políticas governamentais que influenciam o progresso da economia. Uma das características é atingir uma dimensão elevada e também um crescimento rápido do PIB. Os dados mencionados no Gráfico 2 mostram o crescimento da economia da República Dominicana.

**Gráfico 2 - PIB da República Dominicana em Bilhões de Dólares por Ano Durante o Período de 2000 a 2017.**



**Fonte:** Banco Mundial (2018). Elaboração própria do autor.

É de fundamental relevância ressaltar que a política macroeconômica da República Dominicana, durante o período 2000-2004, foi estabelecida através de um conjunto de políticas governamentais voltadas a induzir o crescimento da economia nacional. Essa estrutura econômica prevista foi fundada sobre três propósitos essenciais: o primeiro era atingir alto grau da economia para o aumento do PIB, e o segundo era a geração de emprego, e, por fim, manter a estabilidade dos preços das relações comerciais.

Segundo dados do Banco Mundial (2018), durante esse período, de 2000 a 2002, o PIB da República Dominicana cresceu levemente, de US\$ 25,31 bilhões, em 2000, para US\$ 25,60 bilhões em 2001. Em 2002, o PIB do país cresceu 4,5% (para US\$ 27,36 bilhões), uma taxa de 2,5% em relação ao ano anterior.

Segundo informação concedida por Miguel Ceara Hatton em 2016, no *Jornal Acento*, a economia da República Dominicana enfrentou um impacto econômico e social durante a crise

de 2003-2004. Esse impacto econômico ocorreu devido a uma crise financeira resultante de uma fraude bancária no país (Baninter), que capturou os depósitos do público e depois transferiu para um banco virtual não regulamentado que tinha passivos, mas com ativos inexistentes (ou duvidosos). Essa arquitetura financeira de fraude perdurou vários anos. À medida que os pagamentos de juros em certificados eram feitos gradativamente com novos depósitos, o banco formal teve uma atividade de 25 bilhões de pesos e o banco virtual, de 55 bilhões de pesos (mais que o dobro do banco formal).

Destaca-se que, durante esse período, a inflação média era de 42,7%, em 2003, e abaixou em 2004, para 28,7%, especificamente impactando a energia. O poder de compra foi diminuído, prejudicando, sobretudo as vidas até então acostumadas a uma inflação média de 6,5% no período de 1996-2000. E tal fato levou a economia dominicana a uma queda do PIB comparativamente ao ano anterior: de US\$ 21,64 bilhões, em 2003, passou a crescer levemente em 2004, a um valor de US\$ 22,69 bilhões.

Nessa perspectiva, o resultado da crise financeira provocou uma grande deterioração na qualidade de vida da sociedade dominicana. Como consequência, os graus de pobreza monetária alcançaram quase metade da população. Segundo Krugman e Obstfeld *et al* (2015), a pobreza é a dificuldade crucial que tanto os países em desenvolvimento quanto os países do Terceiro Mundo sobrevivem, e liberar-se dela é seu grande obstáculo político e econômico de Estado, como acontece no caso da República Dominicana.

Entre 2001 e 2004, houve uma grande inflação (o nível de preços duplicou), assim como uma forte desvalorização (taxa de câmbio multiplicado por 2,5 vezes); o desemprego intensificou-se e atingiu um máximo de 18,4% em 2004, o que significou quase 724 mil desempregadas. O PIB real per capita caiu 2,5% em 2003, mas cresceu 1,3% em 2004. De outro modo, nos dois anos de crise, o PIB per capita caiu ligeiramente 0,6%. Salienta-se que a grade produtiva não foi prejudicada. Apesar dos impactos negativos, a desvalorização foi um relevante impulso para o setor de exportação, que multiplicou sua receita devido à desvalorização da taxa de câmbio. Logo que a estabilidade macroeconômica foi retomada, as taxas de crescimento se revigoraram. Posto isso, os padrões de pobreza continuaram consideravelmente altos.

Segundo relatório da Secretaría Estado *de Economía, Planificación y Desarrollo* publicado em 2009, no ano de 2005, a economia dominicana teve uma grande aceleração, com uma taxa de crescimento de 9,3%, 7 vezes maior que o ano de 2004. Portanto, em 2007, o valor agregado real (VA) gerado pela economia da República Dominicana cresceu de 6,2%, enquanto a taxa de crescimento mais moderada em 2006, era de 9,1%. Contudo, esse crescimento

associado ao crescimento de 28,3%, afirmado pelas taxas de produção líquidas de subsídios, possibilitou ao PIB a preços de mercado atingir um aumento de 8,5% ao ano de 2007, em vista de 10,7% em 2006. Porém, o setor econômico que evidenciou maior vitalidade em seu valor agregado foram os serviços de intermediação financeira, seguros e atividades relacionadas, com o crescimento de 25,6% em relação a 2006. Além disso, o PIB da República Dominicana durante o período de 2005, 2006, 2007, segundo dados disponibilizados pelo Banco Mundial (2018), era de US\$ 36,12, US\$ 38,12 e US\$ 44,17 bilhões, respectivamente.

Segundo o relatório *Vanguardia del pueblo: órgano de difusión oficial del partido de la liberación dominicana* (2017), a frequência das crises de crescimento da República Dominicana e o maior grau de estabilidade macroeconômica ocorreram no período de 2005- 2016, superando a expectativa da região da América Latina e crescendo de maneira acelerada. Em relação aos dados mencionados pelo relatório do Banco Central e Institutos de Estatísticas da América Latina em 2014, a República Dominicana alcançou um dos excelentes desempenhos econômicos da história contemporânea. Porém, essa economia extrapolou as perspectivas das organizações internacionais e dos pesquisadores, registrando o melhor desempenho na América Latina, com um crescimento real do PIB de 7,1%, ultrapassando os 6,0% considerados nessa região.

Já durante os anos de 2017 e 2018, a economia dominicana cresceu levemente. Segundo o Banco Mundial (dados de 2018), o PIB da economia do país era de US\$ 48,29 e US\$ 48,38 bilhões, em 2008 e em 2009, respectivamente, com um crescimento mais estável devido à estabilidade política depois de uma aceleração excessiva nos três anos anteriores. No período 2010-2017, a economia dominicana cresceu de maneira robusta. Assim, passou de US\$ 54 bilhões, em 2010, para US\$ 75,93 bilhões, em 2017, conforme observa no Gráfico 2.

Além dessas dinâmicas econômicas mencionadas, dados do Banco Central da República Dominicana (2016) enfatizam que o país desempenha uma atividade turística de grande importância na região do Caribe devido às suas imensas praias. Com isso, esse país atrai um número significativo de visitantes que provêm de lugares e países diversificados, tais como França, Canadá, Estados Unidos, países da América Latina, entre outros. Além disso, o número de empregos do setor turístico alcançou a cifra de 254.146 vagas, e a média dos empregos criados pelo setor de turismo no ano de 2015 cresceu a uma taxa anual de 7,8%.

O que chama atenção é o fato de que os setores mais dinâmicos e que nas últimas três décadas têm encabeçado o crescimento econômico da República Dominicana e que tendem a manter essa liderança são turismo, finanças, comércio, comunicações e construção, mineração recente. Mas, no caso das zonas francas, notam-se algumas diferenças, pois perdeu o impulso

nas suas funções nas últimas décadas. Portanto, é necessário observar que esse setor possuiu um crescimento considerável para os anos 1970 e 1980, que foram excelentes. Todavia, nos anos 1990 esse setor reduziu drasticamente o seu desempenho, atingindo níveis críticos nos anos consecutivos.

Caberia salientar que a economia dominicana mostrou sua dinamização com boa capacidade de transformação em conformidade com as necessidades e com grande ligação com a economia mundial. Ademais, também passou de uma economia monoprodutiva exordial para uma economia que possui alta proporcionalidade de serviços, e atualmente lidera na atração de Investimento Estrangeiro Direto na região.

O relatório *Vanguardia del Pueblo, órgano de difusión oficial del partido de la liberación dominicana* (2017) realça que o ambiente internacional foi muito desfavorável na última década para as economias que representam os frutos de tensão locais e conflitos geopolíticos poderosos, desequilíbrios internos na economia dos EUA, o crescimento dos preços do petróleo, a crise alimentar e a fraqueza do dólar. Apesar disso, a economia dominicana está fortemente integrada ao mercado dos EUA, tanto comercial quanto financeiramente, motivo pelo qual as consequências do crescimento dos EUA na economia dominicana são disseminadas, em maior medida, por meio de comércio, do turismo, e das zonas francas.

Além do PIB mencionado, segundo relato apontado pelo *Centro de Exportación e Inversión* (CEI-RD, 2016), a economia dominicana é imensamente dependente dos EUA, tendo destinado aproximadamente metade das exportações e das remessas aos Estados Unidos, representando aproximadamente 7% do PIB, o que equivale a cerca de um terço das exportações e a dois terços das receitas do turismo. Portanto, o país sofre de uma acentuada desigualdade de renda, em que a metade mais pobre dentre da população correspondia a menos de um quinto do PIB, enquanto a renda dos 10% mais ricos equivale a quase 40% do PIB. Alta taxa de desemprego e subempregos continuam sendo um importante desafio em longo prazo para o aparelho estatal dominicano.

Percebe-se que em relação do PIB nacional de dois Estados da ilha, o PIB da República Dominicana é de 9 vezes maior que o do Haiti. Dado que a República Dominicana houve uma maior estabilidade depois a crise de 2003-2004, e está em posição robusta no ciclo econômico, com a atuação econômica difundida a uma taxa média de 7% durante os últimos três anos. Essa economia está funcionando acima de seu desenvolvimento potencial, e os choques positivos de oferta modificaram as pressões inflacionárias e consolidaram as posições externas.

Ademais, esse crescimento da República Dominicana pode ser explicado pelo fato de que, desde a ocupação norte-americana no seu território, foi implantado um sistema capitalista com tudo que ele contém como arsenal de fluxo de capitais, grandes infraestruturas, possibilitando a construção e a instalação de grandes indústrias, crescimento econômico, propriedades agrícolas e gestão de terras. A esse respeito, Brandão (2012) ressalva que, quanto menos relevantes às barreiras espaciais em um determinado território, mais intensas é a solidariedade do capital às diferenciações do lugar incorporado do espaço e mais intenso são o impulso ou o estímulo a fim de que os lugares se diversifiquem de forma aprazível ao capital.

Para o crescimento da economia de um país, isso contribuiu ao avanço do desenvolvimento da economia dominicana. Esses grandes investimentos diretos estrangeiros e grandes infraestruturas na parte leste da ilha permitiram atrair fluxo de investimentos de capital estrangeiro para fortalecimento da economia nacional e exportação para outros países, como o Haiti, que importa os fluxos de produção e, atualmente, representa o segundo parceiro comercial da República Dominicana. A esse respeito, além de certas normas e acordos estabelecidos, a questão das importações e exportações comerciais entre os dois Estados têm um papel relevante na consolidação das relações.

### **Desenvolvimento do comércio de importações e exportações entre os dois Países**

Observa-se que, logo depois a Primeira Guerra Mundial, houve um grande impulso econômico com a aparição da economia moderna e contemporânea. Portanto, tal processo evidenciava as particularidades fundadas para as vantagens comparativas que representam as relações de comércio entre os Estados, exportações e importações de produtos diversificados. Verifica-se que um país poderia se especializar na produção de um determinado bem em que detenha uma vantagem absoluta em comparação a outro. Isso significa que a troca pode acontecer de modo apropriado, acarretando também alguns benefícios absolutos para os países que estabelecem as relações comerciais.

Para o estudo de Krugman (2009), nas relações do comércio internacional ou bilateral estabelecidas possuem dois fundamentos essenciais: o primeiro é caracterizado pelas vantagens comparativas, por meio das quais os Estados adquirem as divergências nas suas dotações de elementos/fatores produtivos, tais como capital, trabalho e terra, e as suas tecnologias, enquanto o segundo destina-se através dos benefícios das economias de escala e da especulação a que estão vinculadas.

Nesse caso, o que é mais preocupante na visão de Krugman (2009) é a temática do comércio internacional ou bilateral entre os países. Em relação a essa hipótese, Krugman (2009) trouxe duas explicações fundamentais para tratar do comércio internacional ou binacional. A primeira explicação é a vantagem comparativa, quando os países negociam para tirar proveito de suas diferenças. E a segunda é o retorno crescente, em que os países negociam para tirar benefícios das vantagens inerentes à especialização, possibilitando a produção em grande escala, que, segundo o entendimento do autor, corresponde à chamada “nova teoria do comércio”. Além do mais, Smith (1784) aponta que um país constitui os laços de práticas comerciais com outro no intuito de manter uma condição lucrativa para os países. Assim sendo, os comércios são sempre fundados ou baseados em alguns benefícios absolutos de um sobre outro.

No caso do Haiti e da República Dominicana, a percepção do comércio binacional pode ser baseada num acordo recíproco que tem como objetivo ordenar, organizar e propiciar as vinculações comerciais entre os dois Estados, e, como eventual finalidade, garantir a soberania nacional do seu espaço territorial, garantindo também a segurança das fronteiras.

Na dinâmica comercial entre dois países, segundo Arroyo (2012), os fluxos internacionais de mercadorias concludentes nas exportações e importações expõem as vinculações que diversificam as porções que território nacional possui com o mundo mercantil por meio da atividade comercial. Em função disso, tal atividade mercantil representa-se como uma das partes do processo extensivo de produção. Ela considera como uma ocorrência da divisão territorial de trabalho, tanto nas relações internacionais quanto nas internas. Assim, essa balança comercial protocolada e divulgável dos fluxos comerciais apresenta os aspectos diversificados por meio dos quais os países se constituem nessa dinâmica.

No estabelecimento das relações socioeconômicas entre dois países, o comércio internacional pode ser considerado como troca de bens e serviços por meio de fronteiras internacionais e zonas fronteiriças dos Estados. Portanto, o comércio internacional, em algum dos países, transforma-se em uma esfera diagonal, que às vezes constitui uma grande parte do PIB dos países.

Esse comércio está vigente em grande parte da vida humana. Assim, sua relevância política, social e econômica aumenta durante os últimos séculos e vinculou-se ao acontecimento da globalização. No entanto, essa globalização está designada a crescente integração das diversas partes do território, sob o efeito da aceleração das trocas, do impulso das novas tecnologias da informação e da comunicação, dos meios de transporte (BENKO, 2002) em diferentes lugares.

Segundo Santos, quanto à sua conformação histórica e da economia de cada formação socioespacial e regional é um produto de combinação contínua de variáveis perceptivelmente datadas, de vários tempos da divisão internacional do trabalho. Em relação com os lugares, os tempos tornam-se diferenciados uns dos outros devido às condições da demanda externa e da própria evidência interna vivente em diferentes lugares (SANTOS, 1999). Em consequência disso, as particularidades da produção dos países do Terceiro Mundo podem ser levadas em consideração, visto que eram relevantes na estruturação da sociedade e da economia (SANTOS, 1978) de dois países. Através disso, o sistema capitalista incrementou mecanismos, inclusive a capacidade de utilização do espaço construído e o manejo mais flexível das escalas regionais (BRANDÃO, 2012) das fronteiras. É de conhecimento geral, tal processo, acima de tudo da economia, circulação de mercadoria, vinculado às teorias capitalistas de produção, certificou as transfigurações significativas nos modelos de sistematização, reestruturando os territórios (transfronteiriços de dois países).

Através da transformação do território fronteiriço, a fugacidade da circulação de indivíduos, de informações, de mercadorias e capitais torna-se particular na aventura de civilização humana, impulsionando constantes e excessivas inovações, tanto nos métodos de analisar e interpretar a realidade, como na condição de se criar, deslocar-se e atuar no território e no espaço fronteiriço de todos os Estados. Tendo em vista aspectos observados, é que os territórios fronteiriços estão adquirindo novos contornos políticos. Ribeiro (2000) afirma que o asteísmo é que antes eram Estado e mercado, este recorrendo às grandes empresas, que reivindicavam demarcações e delimitações inteligíveis. Comportam-se como as jurisdições inequívocas para a consolidação do mercado transfronteiriço.

Percebemos atualmente viver uma era em que todos os países abriram suas fronteiras, reduzindo suas tarifas de importação, produzindo assim um crescimento na dimensão de comércio global. Em uma economia global e modernizada, permitindo que todos os países interdependentes em diferentes setores da economia compartilhem as trocas de mercadorias. Portanto, constata-se que nenhuma nação é autossuficiente em todos os tipos de produtos de consumo. Se partirmos dessa premissa, através das exportações, as empresas têm uma ampla gama de oportunidades como resultado da abertura comercial com outros países da região.

Na produção de mercadoria, duas condições são absolutamente necessárias: em primeiro lugar, porque só constituem mercadorias aqueles valores de uso que podem ser reproduzidos, isso quer dizer, produzidos mais uma vez, sistematicamente; constituem mercadorias porque são reprodutíveis. Em segundo lugar, porque a mercadoria é um valor de uso que se produz para a troca, por venda, os valores de uso produzidos para o autoconsumo do produtor que não

são mercadoria, exclusivamente valores de uso que atendem às necessidades sociais (humanas), todavia, são obrigações de outrem, organizam essas mercadorias. Estas, nesse caso, possuem uma perspectiva que sempre vem vinculada ao seu valor de uso: a sua capacidade de ser trocada, vendida (seu valor de troca). Essa relação comercial ou de mercadorias mantidas, portanto, é considerada como uma unidade que sintetiza valor de troca e valor de uso (NETTO; BRAZ, 2006).

Considera-se, com muita frequência, que esse tipo de comércio e as trocas de mercadoria atuais apresentados entre os dois países são multiformes. Isso se deve, em parte, à grande quantidade de mercadorias que circulam sob a rubrica do “informal”, mas que, por vezes, são captadas para apresentar uma melhor aproximação às dinâmicas econômicas reais. Oficialmente, de acordo com o *Centro de Exportación y Inversión da República Dominicana* (CEI-RD, 2016), no ano de 2015, 47% das trocas entre os dois países foram feitas por via marítima, enquanto que 53% transitaram via transporte terrestre. Esse dado é de suma importância.

Em 2015, o Haiti interditou a importação de 23 produtos específicos (todos industrializados, como produtos alimentícios, de higiene, da construção civil e bebidas) por via terrestre. Eles continuam a ser importados, mas apenas por meio aéreo e marítimo. Essa medida foi adotada na tentativa de barrar as chamadas “importações informais”, que vivificam a economia transfronteiriça, e elevar a arrecadação de impostos em um país de economia bastante pauperizada (CEI-RD, 2016).

Com uma perspectiva bem prática para fazer uma correlação por meio das políticas comerciais atribuídas, alguns Estados promovem técnicas para fortalecer a evolução econômica e apresentam políticas de isenção/liberações comerciais enxergadas como ingênuas ao desenvolvimento econômico dos países do Terceiro Mundo. Elas, de fato, em nenhum momento são aplicadas em sua integralidade pelos países do centro do sistema capitalista, a despeito de apontarem os seus desempenhos aos seus parceiros/consócios comerciais em pleno crescimento econômico.

O estabelecimento das relações comerciais entre os Estados são um dos componentes que dá suporte ao desenvolvimento econômico dos países mais desenvolvidos do sistema capitalista. Com as grandes relevâncias comerciais na economia contemporânea, Arroyo (2012) afirma que as dimensões da economia de um país, em grande parte, subordinam-se à grandeza de importações e exportações, entre outros aspectos econômicos (derivados de suas produções de comercialização). Em relação a isso, segundo estudo realizado pelo *Observatory of*

*Economic Complexity* (OEC, 2017), o Haiti representa a 143ª economia de exportação do mundo.

Assim, no ano de 2017, esse país exportou US\$ 1,12 bilhão e importou um valor de US\$ 3,3 bilhões, o que resultou em um saldo comercial negativo de US\$ 2,18 bilhões. Foi contabilizado um PIB de \$ 8,48 bilhões, e seu PIB per capita foi de US\$ 1,81 bilhão. Além disso, os principais parceiros comerciais são Estados Unidos, República Dominicana, entre outros, conforme indicado na Tabela 2.

**Tabela 2 - Países Importadores dos Produtos do Haiti Durante o Período de 2011-2017**  
(em milhões de dólares).

Países	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Estados Unidos	760,2	793,04	866,49	927,37	972,17	959,6	931
República Dominicana	12,01	0,69	3,64	4,58	59,02	51,31	42,1
Canadá	26,02	30,02	31,49	36,52	30,18	26	31,6
México	10,62	16,99	20,3	22,05	22,05	26,6	19,6
França	9,87	8,14	8,35	10,5	13,48	11,7	20,2
China	7,37	9,97	15,01	14,9	10,68	5,7	.....
Bélgica	2,58	5,51	10,37	9,91	6,71	.....	.....
Reino Unido	2,9	6,42	8,5	10,62	6,45	6,1	.....
Espanha	6,03	5,77	4,57	4,87	5,25	6,7	.....
República de Coreia do Sul	2,13	4,94	13,11	2,62	4,24	.....	.....

Fonte: CEI-RD (2016); - OEC (2017). Elaboração própria do autor.

Assim, segundo os dados no relatório do CEI-RD (2016), os principais países importadores dos produtos haitianos durante o período de 2011 a 2017 foram os Estados Unidos, representando de 83,3% das exportações, e, em seguida, República Dominicana, Canadá e México, com 5,1%; 2,6% e 1,9%, respectivamente. Durante esse mesmo período, a análise do mercado mostra que a verificação dos principais países exportadores dos produtos para o território haitiano vem mostrando a relevância das relações de trocas comerciais estabelecidas pelos países exportadores de grande porte no Haiti. A Tabela 3 mostra os principais países que exportam produtos para o mercado haitiano.

**Tabela 3 - Países Exportadores dos Produtos Para o Haiti nos Anos de 2011-2017**  
(em milhões de US\$).

Países	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Estados Unidos	1058,95	1050,23	1226,73	1,276.65	1,143.96	996	845
República Dominicana	1,013.63	1,037.42	1,042.88	1,423.21	1,012.16	770	830
China	303.64	283.71	323.49	391.38	436.88	412,8	531
Índia	47.00	61.59	63.26	73.36	75.13	59,3	90,6
Perú	72.00	78.76	74.73	72.31	56.52	45,1	...
México	58.52	44.70	60.48	66.92	54.26	40,6	.....
França	50.17	49.09	54.03	63.59	48.79	43,6	.....
República de Coreia do Sul	34.00	23.11	29.78	39.11	46.68	46,9	.....
Colômbia	65.73	65.54	54.70	49.30	44.93	.....	.....
Canadá	38.10	35.97	36.83	43.57	43.31	43,3	.....

Fonte: CEI-RD (2016); OEC (2017). Elaboração própria do autor.

Durante os anos de 2011 a 2016, os produtos importados pelo Haiti vieram, principalmente, dos Estados Unidos, representando um valor de 33,5%, e também da República Dominicana, com 29,6%. A China correspondeu a 12,8%, seguida por Índia e Peru, com, respectivamente, 2,2% e 1,7% (CEI-RD, 2016). Esses dados foram confirmados durante a visita técnica realizada no *Centre de Facilitation des Investissements* (CFI, 2016) na cidade de Porto Príncipe, em 29 de janeiro de 2019, com o economista senhor Wilford Souffrant. Ele aponta que:

A República Dominicana é considerada como segundo maior parceiro comercial do Haiti. Cerca de 33% dos produtos importados pelo Haiti são provenientes da República Dominicana. Aproximadamente a mesma porcentagem que os produtos dos EUA. Em troca, as exportações do Haiti para a República Dominicana representam menos de 1% do total das importações da República Dominicana. Cabe dizer que há um enorme déficit comercial de troca entre os dois países (Trabalho de campo, informação manuscrita, Wilford Souffrant, 29 de janeiro de 2019).

Com base nessas relações comerciais instituídas entre os diferentes Estados, o maior parceiro comercial do Haiti são os EUA, com 34% das importações haitianas; em segundo lugar aparece a República Dominicana, com 30% das importações. Mas, de acordo com estudo realizado pela Asociación de Industria de la República Dominicana (AIRD, 2016), esta porcentagem pode chegar a 40% se somada a informalidade, destacando a existência de um forte superávit em favor da República Dominicana. A Tabela 4 apresenta a balança comercial do Haiti e da República Dominicana.

**Tabela 4 - Haiti – Balança Comercial com a República Dominicana: Mercadorias Formalizadas (em milhões de \$US).**

Anos / Critérios	Exportação	Importação	Saldo
2010	18,0	1.190	-1.172
2011	12,0	1.445	-1.433
2012	0,8	1.558	-1.557,2
2013	3,7	1.514	-1.510,3
2014	5,3	1.423	-1.417,7
2015	58,9	1.012	-953,1
2016	59,6	800	-740,4
2017	42,17	852,53	-810,36

**Fonte:** Elaborado pelo autor com dados da Oficina Nacional de Estadística da República Dominicana. Anuário de Comércio Exterior. MICM e DICOEX (2018).

Observa-se que os fluxos de mercadorias entraram ou chegaram aos territórios nacionais por via terrestre, marítima ou aérea, e também desenvolveram um grau de diferenciações

crescentes tanto nas suas composições, quanto nos mercados de suas origens e de seus destinos (ARROYO, 2012). A relação de intercâmbio comercial entre os dois países pode ser descrita como uma atividade comercial alta e crescente que, no entanto, representa um claro déficit para o Haiti. Assim como o comércio do Haiti com o resto do mundo, o relacionamento é muito assimétrico – esse déficit atingiu mais de US\$ 1.038,93 milhões a favor da República Dominicana (CEI-RD, 2016). O economista Wilford Souffrant, durante a visita técnica efetuada, em 29 de janeiro de 2019, no *Centre de Facilitation des Investissements* de Porto Príncipe, afirmou que:

Uma simples observação dos dados do comércio do Haiti (Tabela 5) mostra que as importações haitianas excedem as exportações em mais de 3 vezes. O país tem uma taxa de crescimento atual de cerca de 1,4%, enquanto a população está crescendo a uma taxa média anual de 1,7%. A relação importação / PIB é a 2ª mais alta do mundo. Tudo isso para dizer que a economia haitiana está quase voltada para as importações. Sendo a República Dominicana o nosso vizinho mais próximo, é natural que uma grande parte das nossas importações venha deles. As importações incluem matérias-primas e produtos acabados (Trabalho de campo, informação manuscrita, Wilford Souffrant, 29 de janeiro de 2019).

Esse *déficit* do Haiti é muito significativo. Apesar de ter havido um aumento bastante expressivo nas exportações haitianas nos anos de 2015 e 2016, esse esforço não foi suficiente para melhorar o saldo, ainda que, comparativamente ao ano de 2012, o *déficit* tenha caído para mais da metade. O Haiti exporta para a República Dominicana principalmente produtos provenientes das indústrias têxteis e de vestuário (89% do total exportado em 2016) e importa cimento e ferro (para a construção civil), derivados de petróleo, produtos de plástico, tecidos, papel e os mais diversos gêneros alimentícios, especialmente produtos ultraprocessados.

Segundo relatório de CFI (2016), as importações haitianas provenientes da República Dominicana aumentaram fortemente entre 2002 e 2012, passando de US\$ 208 milhões para mais de US\$ 1,5 bilhão. Três razões, pelo menos, estão na origem desse *déficit*: a) os furacões de 2008 e o terremoto de 2010 destruíram boa parte da infraestrutura e das residências, exigindo maiores importações de cimento e ferro; b) a instalação da zona franca, que abriu o mercado do vestuário norte-americano à produção haitiana com a contrapartida da importação de tecidos, pela qual uma parte significativa dos insumos provém da República Dominicana, aumentando acerca de US\$ 400 milhões entre 2005 e 2014; c) o aumento da presença internacional desde 2004, com a chegada da missão de paz da ONU/MINUSTAH, que reforçou a entrada de dólares, promovendo um aumento significativo das importações de produtos industrializados – caso da indústria alimentícia com os ultraprocessados. Portanto, essa consequência cumulativa de uma

falta contínua do apoio do governo e no investimento do setor agrícola, particularmente, levou à pressão pela importação de produtos para o consumo.

Segundo informação adquirida durante a visita técnica na sede de *Centre de Facilitation des Investissements* (29 de janeiro de 2019), com o entrevistado de economista Wilford Souffrant, em comparação à balança comercial de dois países, ele ressalta que:

A natureza do comércio entre o Haiti e a República Dominicana é uma situação de grande déficit comercial para o Haiti. Isso não pode ser uma vantagem, mesmo para a República Dominicana. Um parceiro comercial que está constantemente enfraquecendo rapidamente se torna um incômodo, porque, se o poder de compra dos haitianos continuar a declinar, isto é, uma consequência de deterioração econômica do Haiti, terá um impacto negativo nas relações comerciais dos dois países. Do lado da República Dominicana, isso significa ter cada vez menos produtos para venda aos haitianos e cada vez mais migrantes haitianos em seu território. Daí o interesse de ambos em trabalhar para compensar o déficit. O Haiti precisa colocar sua economia em ordem. Além disso, a República Dominicana deve ajudá-lo a fazê-lo. Eles não têm outra escolha a longo prazo (Trabalho de campo, informação manuscrita, Wilford Souffrant, 29 de janeiro de 2019).

Nesse âmbito, o comércio internacional entre os dois países é constantemente contraditório em relação à economia binacional. Os conteúdos decisórios de trocas comerciais nacionais ou internacionais possuem seu crescimento vinculado ao próprio desenvolvimento da economia. O segundo estudo do OEC (2017) ressalta que a República Dominicana era considerada a 88ª maior economia de exportação, e ocupava a posição de número 74 quanto a uma economia mais complexa, conforme o Índice de Complexidade Econômico (ICE). Em 2017, esse país exportou um total de US\$ 16,7 bilhões e importou um valor de US\$ 8,73 bilhões, o que resultou em um saldo comercial positivo de US\$ 7,99 bilhões. No mesmo ano de 2017, o PIB da República Dominicana foi de US\$ 75,93 bilhões, conforme se observa no Gráfico 2, e o seu PIB per capita foi de US\$ 16 bilhões.

Estudos realizados por OEC (2017), CEI-RD (2016) e pela Oficina Económica y Comercial de Espanha em Santo Domingo ressaltaram que as principais exportações das mercadorias da República Dominicana são destinadas aos mercados dos Estados Unidos, do Canadá, do Haiti, da Índia e da Alemanha, entre outros países. A Tabela 5, a seguir, mostra esses dados.

**Tabela 5** - Países Importadores dos Produtos da República Dominicana Durante Período de 2010 a 2017(em milhões de US\$).

Países	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Estados Unidos	3648,9	2038	4337,8	4187,6	3669	4052	4129	4715
<b>Haiti</b>	<b>241,28</b>	<b>942,23</b>	<b>975</b>	<b>1513</b>	<b>1071</b>	<b>972</b>	<b>723</b>	<b>852</b>
Canadá	6,81	108	283	974,31	687	632	696	788
Índia	.....;	.....	447	.....	106	510	534	578
Suíça	.....	.....	.....	42	188	63	305	245
Países Baixos	.....	.....	.....	135	125	167	190	177
Reino Unido	46,44	.....	.....	181	128	114	130	102
China	9,94	.....	.....	231	128	111	107	92
Alemanha	.....	.....	.....	117	90	91	94	92
Espanha	.....	.....	.....	8	72	76	89	87

Fonte: OEC (2017, 2018). Elaboração própria do autor.

Segundo relatório da OEC (2018), a República Dominicana aumentou sua dimensão de exportações para o Haiti após o terremoto: tanto pelos embarques de produtos alimentícios e materiais quanto pela ajuda internacional orientada em seu território. Por outro lado, observa-se, a partir de 2015, uma redução significativa dos problemas políticos bilaterais e restrições a certas remessas por via terrestre, respectivamente, pela fronteira. No entanto, acrescentando-se aos números oficiais a exportação informal, o valor poderia ser de cerca de US\$ 1,5 milhões, o que faz do Haiti o segundo parceiro comercial da República Dominicana. Posto isso, na lista dos principais clientes globais para o último exercício de 2018, os EUA se destacam com quase 50%, seguidos pelo Haiti (8,3%), pelo Canadá, por Índia, Suíça, Holanda, Reino Unido e China. A União Europeia como um todo absorveu 11,2% do total exportado pelo país.

No entanto, as principais importações das mercadorias provêm dos mercados de Estados Unidos, China, México, Brasil e Espanha. Esses países são considerados como principais parceiros comerciais, de onde a República Dominicana importa os fluxos de mercadorias. Esses dados estão na Tabela 6.

**Tabela 6** - Países Onde a República Dominicana Importou as Mercadorias Durante o Período de 2013 a 2017.

Países	2013	2014	2015	2016	2017
Estados Unidos	6,576	5,696	6,412	7,034	8,675
China	1,845	959	1,404	1,416	2,578
México	1,05	666	643	820	900
Brasil	438	270	472	524	640
Espanha	368	276	462	548	664
Colombia	361	212	234	256	322
Japão	312	261	352	246	301
Alemanha	313	287	313	.....	.....
Trinidade e Tobago	678	820	309	.....	.....
Venezuela	1,097	1,062	805	.....	.....
Coreia do Sul	.....	166	239	278	376

Fonte: OEC (2017; 2018). Elaboração própria do autor.

Considerando o peso relativo da importação da República Dominicana, esses países se destacam como países fornecedores por participação de mercado: EUA 43%, China 13,4%, México 5,8%, Brasil 4,4%, Espanha 3,8% e Panamá 3,4%. A União Européia representa cerca de 11% (OEC, 2018).

Segundo análise de Alfonso (2005), a cooperação comercial ou regional promovida entre o Haiti e a República Dominicana possui uma dupla reflexão. De um lado, a responsabilidade de agir em conjunto, num aspecto regional para facilitar a integração econômica no mercado bilateral e no mercado do Caribe, que eles representam. E, por outro lado, a necessidade de equilibrar as relações comerciais de modo que sejam capazes de contribuir no desenvolvimento sustentável de dois Estados, tendo em vista que as consciências dessas obrigações em breve devem ser interpretadas em políticas públicas claramente articuladas e com ferramentas eficientes e proveitosas.

No contexto do comércio bilateral entre o Haiti e a República Dominicana, segundo dados do *Ministério de Economía, planificación y Desarrollo* (MEPD, 2018), a participação das exportações da República Dominicana para o Haiti no volume total exportado aumentou de uma média anual de 5% entre 2001-2008 para 14% entre 2009 e 2016, consolidando-se como o segundo destino mais importante das exportações dominicanas. Em 2014, o Haiti foi o principal e/ou único destino de 22 barreiras tarifárias, representando mais de 50% e 90% das exportações, respectivamente, dessas regiões, alcançando um valor de US\$ 683 milhões, 8% do total das exportações, e 56% das exportações para o Haiti.

Nas trajetórias atuais, as exportações dominicanas para o Haiti diferenciam-se pelo menos em quatro etapas: uma primeira de decolagem, com um crescimento médio anual de 38% entre 2001 e 2003, mas afetada em 2004 pela crise bancária da República Dominicana; a segunda expansão, com um crescimento médio anual de 46% entre 2005 e 2010; o terceiro boom comercial, em que a quantidade de exportações superou a barreira de US\$ 1.000 milhões, registrando o maior valor histórico, de US\$ 1.423 milhões em 2014 (MEPD, 2018), um aumento percentual de 36,47% em relação a 2013.

Já que a quarta etapa foi o período de declínio econômico da exportação da República Dominicana, iniciado em 2015, quando as exportações dominicanas para o Haiti começaram um processo de redução: 40,61% nesse ano, totalizando US\$ 1.012,16 milhões. Em 2016, a queda nas exportações dominicanas para o Haiti continuou a ocorrer, tendo somado US\$ 800,18 milhões, uma redução de 20,94% em relação ao ano anterior (MICM; DICOEX, 2018).

É importante mencionar que essa redução das exportações dominicanas para o Haiti foi registrada em 25 dos 33 principais artigos desse mercado, que representam 79% da queda total.

São principalmente algodão; fundição, ferro e aço; produtos de moagem; preparações à base de cereais; assinaturas; e roupas e acessórios. Entre os fatores que explicam a atual queda das exportações dominicanas, o MEPD (2018) destaca, em primeiro lugar, a intensificação da competição estabelecida por:

a) a redução da demanda do Estado haitiano, que dissocia as consequências das modificações na participação do mercado dominicano. As exportações dominicanas para o Haiti diminuíram em US\$ 96 milhões entre a fase de expansão e a fase de declínio. Portanto, essa consequência da demanda é estipulada pela diminuição de 9% das importações totais do Haiti, em um âmbito de desaceleração do crescimento da economia haitiana, que passou de 3,9% em 2011-2014 para 1,3% entre 2015 e 2016;

b) o crescimento da oferta dos principais concorrentes naquele mercado, que pode ser determinado a partir das consequências excludentes da mudança na alteração na participação dos produtos dominicanos no mercado haitiano. Esse efeito da transformação na demanda do Haiti é apartado, entretanto as exportações dominicanas para o Haiti passam diminuir para cerca de US\$ 126 milhões, o que ocorreu entre os estágios de boom comercial e de recessão. Esse resultado participativo pode ser explicado pelo declínio na participação de mercado dos principais produtos dominicanos no Haiti, de 40% para 36% entre o período de boom econômico e o declínio.

Em segundo lugar, o relatório do MEPD (2018) e ITC (International Trade Centre, 2017) expõe que é de grande possibilidade que se verifique um esgotamento do mercado haitiano para absorver a expansão das exportações dominicanas, visto que elas estão muito próximas de seu potencial. Portanto, as desigualdades entre as exportações da República Dominicana para o território haitiano, atuais e potenciais, são as mais baixas entre os 40 principais mercados dominicanos e os maiores parceiros do Haiti. Por fim, a política comercial do Haiti em comparação à República Dominicana pode ser aplicada através de medidas não tarifárias, e também é influenciada e pela proibição de importação por via terrestre de 23 produtos dominicanos desde outubro de 2015.

Em relação à comparação das medidas tarifárias ou não aplicadas sobre a importação e exportação comercial entre os dois países, o economista Wilford Souffrant, em entrevista concedida no *Centre de Facilitation des Investissements*, em 29 de janeiro de 2019, lamenta ao dizer que:

A República Dominicana trabalhou ao longo dos anos para reforçar o seu sistema tarifário, impondo barreiras não tarifárias muito pesadas. O Haiti, em contraste, reduziu várias linhas tarifárias em produtos-chave, impondo

praticamente nenhum padrão para os produtos recebidos. Isso resultou em uma forte competitividade das empresas nacionais e um aumento drástico nas importações, enquanto a população cresce, por isso a demanda interna do país não parou de crescer (Trabalho de campo, informação manuscrita, Wilford Souffrant, 29 de janeiro de 2019).

Ainda o comércio é considerado como um dos setores de maior preocupação do governo haitiano e busca entrar em concorrência/competição com a produção da República Dominicana. Por esse motivo, há o envolvimento do Ministério do Comércio, que também está sob o domínio da segurança nacional, para a imposição de um eventual controle dos produtos que circulam no território haitiano. É nesse contexto que o comércio implica uma releitura das condições agrícolas, não obstante o que está vinculado à saúde dos consumidores desses produtos. Em consequência disso, o Estado haitiano passou a interditar a entrada de certos produtos dominicanos por causa da gripe aviária.

Porém, essas tensões interferem no comércio fronteiriço entre os dois Estados e se encontram no fato de que o governo do Haiti não se interessa em ter controle sobre a qualidade dos produtos, mas especialmente sobre a tributação estabelecida pelo governo, que é totalmente determinada pelas próprias leis haitianas para essas consequências. Outro fator a ser destacado é que essa interdição a certos produtos dominicanos para o Haiti pode ser explicada por 5 elementos, como menciona no relatório de MEPD (2018):

a) o governo haitiano afirma que a medida ocorre devido à necessidade de melhor controle de qualidade nos portos e aeroportos para melhorar o monitoramento desses produtos, aumento de receita e evitar perdas de receitas tarifárias devido ao contrabando; b) outras hipóteses supõem um potencial conflito de interesses entre os grupos comerciais de Porto Príncipe e os estabelecidos na área de fronteira; c) a necessidade de proteger a fraca indústria e o mercado doméstico haitiano; d) o fator político, veiculado na opinião pública dominicana, de que o governo haitiano usa a política comercial como uma ferramenta para neutralizar os conflitos gerados a partir das relações bilaterais; e) exigir das estâncias aduaneiras nos portos e aeroportos melhor controle sobre a entrada dos produtos no intuito de recuperar as receitas fiscais, o que pode levar a uma redução nas exportações informais da República Dominicana para o Haiti.

Ainda assim, os produtos que anteriormente cruzavam a fronteira sem pagar impostos atualmente foram obrigados a passar por portos e aeroportos. Por meio dessa medida estabelecida pelo Estado haitiano, houve um crescimento nos custos para os importadores informais por causa de impostos e taxas e, também em razão do aumento de impostos e custos de transporte (CFI, 2016). Assim, isso pode impulsionar a produção local e ainda pode

diferenciar o destino de suas importações, diminuindo pelo menos uma das potenciais vantagens competitivas da República Dominicana.

Em relação à taxa total de imposto que seria paga pelas empresas por uma eventual de consolidação das trocas de mercadorias, a pesquisa do CEI-RD (2016) mostra que a República Dominicana supera a taxa total de Imposto que pagou pelas empresas no Haiti. Assim, a República Dominicana também impõe uma carga maior sobre as empresas em termos de impostos e contribuições sobre o trabalho, representado pelas exigências que as empresas devem pagar por alegações de taxas trabalhistas e de impostos.

Em razão disso, o Haiti, no que lhe diz respeito, possui um peso um pouco maior do que a República Dominicana em relação aos impostos sobre a renda, bem como uma taxa mais elevada para outros impostos, que insere qualquer outro imposto não incluído nas três primeiras categorias. Apesar disso, por se tratar de um padrão menor, considera-se que não evidencia uma modificação na carga tributária total das empresas. É possível observar que os padrões de tarifas se diferenciam significativamente entre a República Dominicana e o Haiti. Porém, a tendência mostra que os dois países estão mais ou menos a favor do livre comércio, tendo em vista que as dimensões nominais de tributação são frequentemente mais baixas no Haiti do que na República Dominicana.

Em consequência dessas medidas para proteger a fragilidade da indústria, o mercado doméstico, a cobrança do imposto, que é relativamente alto do lado dominicano, além dos fatores políticos para melhorar o controle sobre a importação de diferentes produtos. Os comércios formais da República Dominicana com o Haiti começaram a ganhar importância durante a década de 2000. Durante o ano de 2011, houve crescimento das exportações dominicanas para o Haiti. Desse modo, o Haiti representa um dos principais destinos das exportações dominicanas, de modo que o país exporta um grande número de produtos para esse mercado. Tal crescimento de exportação de produtos dominicanos foi alcançado devido à preservação da estabilidade de preços da produção.

Ainda que em 2016, tais exportações da República Dominicana para o Haiti reduziram-se nos 23 produtos considerados na proibição em relação à média da fase de boom comercial, com queda de 12%, de US\$ 174 milhões para US\$ 152 milhões. Geralmente, esses produtos, que representaram 15% das exportações dominicanas para o Haiti antes da proibição, determinaram 7% da queda (MEPD, 2018). Depois desse período de declínio de proibição da entrada de alguns dos produtos dominicanos em território haitiano, nos anos de 2017 e 2018, as exportações dominicanas para o Haiti passaram a ter um crescimento considerável, atingindo um valor de US\$ 852,525 milhões e \$US 874,814 milhões (Trademap, 2020), e representam

um crescimento de 6,54% (MICM; DICOEX, 2018). Assim, a Tabela 7 mostra a lista dos principais produtos dominicanos exportados para o Haiti durante o ano de 2017.

**Tabela 7 - Principais Produtos de Exportações Dominicanas para o Haiti (milhões de US\$).**

Produtos	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Animais vivos	.....	.....	5.330	15611	7379	3770	6702	9273
Máquinas e equipamentos elétricos e suas partes; gravadores e reprodutores de som, televisão	3973	2784	3537	11102	3786	4290	5324	9820
Preparações de cereais, farinha, amido ou leite; produtos de pastelaria	27152	23404	25214	34684	17701	15233	19455	26074
Oleos essenciais e resinoides; produtos de perfumaria; produtos cosméticos e sanitários	2982	3176	3537	11102	3.587	4028	8735	8034
Preparos de alimentícias diversas	47261	53528	60696	113126	63267	62685	49129	38.535
Bebidas, bebidas espirituosas e vinagre	14.092	18353	17771	34846	23079	25426	22374	21.982
Gorduras e óleos animais ou vegetais e produtos da sua dissociação; gorduras comestíveis preparadas; animal	19377	21942	31296	38624	21392	23.211	28986	27785
Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; substâncias betuminosas; mineral	12701	13326	18003	14970	10.136	17693	19247	8952
Cereais	10395	17812	6469	18776	9105	4.531	6249	6.897
Sabões, agentes orgânicos de superfície, preparações para lavagem, preparações lubrificantes, artificiais	15499	14408	12107	21326	18038	14617	13389	14273
Frutas comestíveis e nozes; cascas de citrinos ou de melões	16795	11259	13186	31101	13872	8512	9047	.....
Produtos da indústria de moagem; malte; amidos; inulina; glúten de trigo	88657	59654	60728	99662	53643	36292	36111	38665
Carnes e miudezas, comestíveis	5938	5244	4665	10524	6459	3055	3756	3682
Algodão	228393	215197	355180	335284	193.225	107769	101.679	107964
Vestuário e seus acessórios, exceto de malha	2509	30293	29779	28.188	22477	5809	6807	8472
Filamentos sintéticos ou artificiais; tiras e matérias têxteis artificiais	3	5.266	7290	8597	8540	6876	11983	5803
Vestuário e seus acessórios, de malha	125.502	144559	18791	21700	150010	131124	135582	120651
Artigos têxteis confeccionados; roupas usadas e artigos têxteis usados; trapos	8113	5130	4892	11312	11946	18412	15323	9797
Fertilizantes	11756	19487	15306	29425	10203	7.433	9834	11009
Papel e cartão; pasta de papel, de papel ou de papelão	20696	18814	23083	43495	27102	25426	27427	31125
Plásticos e suas obras (recipientes)	74047	73785	70051	140453	94998	82837	95080	97838
Saí; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimentos	57666	64203	60685	69209	68.101	60592	61277	60797
Barras de ferro ou aço não ligado	84782	72594	69777	65014	41784	31793	58856	59705
Máquinas e equipamentos elétricos e suas partes; gravadores e reprodutores de som, televisão	3973	2784	3537	11102	3786	4290	5324	9820
Máquinas, aparelhos mecânicos, reatores nucleares, caldeiras; suas partes	4488	4213	3394	12325	11142	8072	9992	15259
Veículos, exceto material circulante ferroviário ou elétrico	3584	1970	2185	4897	916	1124	2717	2245
<b>Subtotal</b>	<b>886361</b>	<b>900401</b>	<b>1021480</b>	<b>1225353</b>	<b>891889</b>	<b>710610</b>	<b>765061</b>	<b>744737</b>
<b>Total</b>	<b>1013634</b>	<b>1037422</b>	<b>1042883</b>	<b>1423206</b>	<b>1012159</b>	<b>800176</b>	<b>852525</b>	<b>874814</b>

**Fonte:** Trade Map (2019). Elaboração própria do autor.

Dentre os conjuntos de produtos dominicanos exportados, podemos destacar alguns dos principais produtos exportados durante os anos de 2011 a 2018, tais como: preparações de produtos cereais; farinha, amido ou leite; produtos de pastelaria, com um valor de US\$ 47,26 milhões, que passaram a aumentar de maneira significativa a um valor de US\$ 53,53 milhões, em 2012; US\$ 60,69 milhões em 2013; US\$ 113,13 milhões em 2014. Em 2015, devido à crise política entre os dois países, houve restrições de entrada dos produtos dominicanos sobre o território haitiano, havendo um impacto, em 2016, sobre as relações comerciais desses dois países. Assim, houve uma redução nas exportações dos produtos de preparações de cereais, que passaram de US\$ 63,26 milhões em 2015 a um valor de US\$ 62,68 milhões, em 2016; de US\$ 49,13 US\$ em 2017; e de US\$ 38,53 milhões em 2018.

Em relação às exportações dos produtos de vestuário e seus acessórios e de malha para o mercado haitiano, houve expansão durante os anos de 2011 a 2018. Esse crescimento de exportação pode ser atribuído à dimensão dos produtos feitos por trabalhadores tanto na produção desses mesmos bens por meio da diminuição sistemática da quantidade de trabalho simples usado como também por meio da mudança da mão de obra para os setores com maior conteúdo tecnológico. No ano de 2015, a República Dominicana passou a intensificar a exportação de produtos de vestuário e de malha ao Haiti. Entre os anos de 2011 a 2012, o crescimento de exportações desses produtos correspondeu a um valor de US\$ 125,50 a US\$ 144,56 milhões. No entanto, no ano de 2013, houve uma queda drástica na exportação dessa produção, representada por um valor de US\$ 18,79 milhões. E nos anos seguintes, principalmente em 2014 e 2015, a República Dominicana passou a aumentar essa produção de vestuário ao mercado haitiano, respectivamente, de um valor de US\$ 21,70 milhões e de US\$ 150,01 milhões.

A partir de 2016 a 2018, a complexidade da restrição dos produtos que envolvem o processo de desenvolvimento das relações comerciais por parte do governo haitiano causou um impacto sobre as exportações de vestuário e de malha dominicana ao mercado haitiano. As exportações desses produtos passaram a decrescer em 2016 a um valor de US\$ 131,12 milhões, mas houve um leve aumento nas exportações de vestuário e de malha durante o ano de 2017, contabilizando um valor de US\$ 135,58 milhões. No entanto, reduziu novamente em 2018, para cerca de US\$ 120,63 milhões.

O crescimento econômico e o da exportação da República Dominicana dependem da evolução tecnológica, da acumulação de capital e de processos mais produtivos para a economia e para expansão das relações comerciais entre os países. Durante os anos de 2011 a 2018, as exportações de produtos de algodão dominicano passaram a se intensificar no mercado do Haiti, com valor de exportação de US\$ 228,39 milhões em 2011. As exportações destes produtos de algodão passaram a reduzir levemente, a um valor de US\$ 215,2 milhões, com um crescimento significativo na exportação de algodão devido ao progresso técnico da produção dominicana e também à demanda do mercado haitiano, com um valor de US\$ 355,28 milhões em 2013.

Além desses produtos destacados, é preciso mencionar a relevância dos fluxos da redistribuição de uma série de produtos dominicanos exportados ao mercado haitiano, tais como: carnes e miudezas, filamentos sintéticos; frutas comestíveis e citrus; máquinas e aparelhos mecânicos, os quais representam um peso no comércio internacional de exportação dominicana para o mercado haitiano. Ademais, os artigos têxteis confeccionados, roupas usadas e artigos têxteis usados também representam um valor de exportação significativa para a

República Dominicana. Podemos destacar que a República Dominicana tem produtividade bem baixa. Mesmo a produção de roupas usadas e artigos têxteis usados para o mercado apresenta pouca vantagem de produtividade, sendo muito menor do que em outros produtos, tais como papel, vestuário, frutas e plásticos, como já mencionado na Tabela 8.

No período de 2013-2017, as importações dominicanas em relação aos produtos vindos do Haiti passaram a crescer de maneira significativa, com uma taxa de 108% da média anual. No mesmo período, registraram um aumento de valor: de US\$ 3,64 milhões, em 2013, para US\$ 42,17 milhões, em 2017. Portanto, em 2015, a República Dominicana obteve maior fluxo de importações de mercadorias provenientes do Haiti, com um valor de US\$ 51,37 milhões. A respeito desse crescimento, as importações do Haiti começaram a diminuir em 2016 e 2017. Ainda em 2016, as importações dominicanas do Haiti caíram 0,11%, enquanto em 2017 a queda foi de 17,80%.

É possível observar que os principais produtos que a República Dominicana importou do Haiti se concentram especificamente em duas categorias: calças e camisetas e camisetas. Esses dois produtos representaram US\$ 37,22 milhões em importações e equivalem a uma taxa de 88,25% do total importado em 2017 do Haiti. A Tabela 8 mostra os principais produtos que a República Dominicana importa do Haiti.

**Tabela 8 - Importações Dominicanas do Haiti (em milhões de US\$) (2011 a 2019)**

Produtos	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Preparações de cereais, farinha, amido ou leite; produtos de pasteleria	7	0		20	212	65	0	0
Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento	5	0	0	14	56	92	39	52
Madeira e artigos de madeira; carvão vegetal de madeira	3	0	0	0	39	49	44	15
Papel e cartão; obras de pasta de papel, de papel ou de cartão	152	13	19	41	24	161	227	505
Algodão	237	113	517	77	976	443	1045	1492
Filamentos sintéticos ou artificiais; tiras e formas semelhantes de matérias têxteis artificiais	2	13	112	31	13	68	304	20
Plásticos e suas obras	40	3	26	36	114	75	263	128
Fibras sintéticas ou artificiais descontínuas	0	0	0	49	55	68	727	856
Tecidos especiais; tecidos tuçados; rendas; tapeçarias; guarnições; bordado	13	5	11	0	0	28	11	181
Vestuário e seus acessórios, não tricotado ou tricotado	6368	26	329	728	35635	31326	31864	6729
Artigos têxteis confeccionados; conjuntos; roupas usadas e artigos têxteis usados; trapos	3816	276	47	572	20	17	23	26
Vestuário e seus acessórios, de malha	433	85	285	312	18279	16868	6096	2936
Penas preparadas e para baixo e artigos feitos de penas ou de baixo; flores artificiais; artigos	2	0	0	0	0	0	111	261
Brinquedos, jogos e artigos de desporto; partes e acessórios	165	0	585	633	506	467	424	580
Ferro e aço	166	0	0	0	0	7	31	43
Máquinas, aparelhos mecânicos, reatores nucleares, caldeiras; suas partes	285	62	350	94	2139	1214	388	873
Máquinas e equipamentos elétricos e suas partes; gravadores e reprodutores de som, televisão	2	66	20	2	18	10	4	27
Tabaco e sucedâneos manufacturados	0	0	0	706	128	190	0	0
<b>Subtotal</b>	<b>11696</b>	<b>662</b>	<b>2321</b>	<b>4517</b>	<b>58067</b>	<b>51083</b>	<b>41601</b>	<b>14724</b>
<b>Total</b>	<b>12013</b>	<b>691</b>	<b>3640</b>	<b>4578</b>	<b>59021</b>	<b>51308</b>	<b>42177</b>	<b>15140</b>

**Fonte:** Trade Map (2019). Elaboração própria do autor.

Levando-se em consideração os diferentes produtos comercializados no mercado dominicano, as exportações dos produtos do Haiti para a República Dominicana são principalmente reexportações, de modo que o valor das exportações de produtos estritamente

haitianos é supervalorizado levando-se em conta os números totais de comércio entre os dois países. Posto disso, as estatísticas variam consideravelmente de acordo com os dados de *Trade Statistics for International business Development*, o que complica ainda mais a avaliação do valor real das trocas entre os dois países. Assim, segundo os dados das Tabelas 7 e 8, disponibilizados pelo Trademap (2011-2018), percebe-se que, nas relações de trocas estabelecidas entre os dois Estados circunvizinhos, as exportações dos produtos dominicanos para o Haiti são 20 vezes maiores em 2017 do que as importações de um valor de US\$ 852,525 milhões contra US\$ 42,177 milhões.

Em relação às importações dos produtos haitianos para o mercado dominicano, pensamos espontaneamente em um mosaico de economias nacionais que fazem trocas entre si, são correntes, divergem e convergem nas relações comerciais. Com a dinâmica do comércio de exportação dos diversos produtos do Haiti para o território dominicano, observamos entre os produtos mais importantes que a República Dominicana importou do Haiti: papel e cartão; algodão; artigos têxteis confeccionados e roupas usadas; vestuário e seus acessórios; e brinquedos (Tabela 8).

As oscilações nas exportações desses produtos mencionados podem ocasionar um efeito mais notório sobre o crescimento ou a diminuição no PIB do país, como se pode observar na tabela, levando cada vez mais a um déficit para economia haitiana. Ao se compararem as Tabelas 7 e 8, observamos que o mercado haitiano é mais rentável para o mercado dominicano, visto que a exportação da República Dominicana indica mais uma vez a importância da exportação dos produtos de alto nível tecnológico no crescimento econômico. Assim, a economia haitiana não tem como competir com a do vizinho visto que o Haiti não investiu na produção, tanto na produção local quanto na tecnologia para se tornar cada vez mais produtivo para competir com o país. Há uma desigualdade econômica muito grande entre os dois países, tanto no investimento quanto na produtividade, ademais na construção de infraestrutura e também na circulação de mercadoria.

Além de levar em conta a exportação do comércio informal e o tráfico ilícito dos produtos dominicanos que cruzam a fronteira e que não estão contabilizados para os serviços alfandegários do governo haitiano, poderia ser estimada uma perda de vários milhões de dólares. Ela consiste, sobretudo, em produtos de pequena indústria e artesanato. Essas relações de intercâmbio comercial entre os dois países que são descritas como uma atividade comercial alta e crescente, representam claramente um déficit muito grande na balança comercial com a República do Haiti, como já havia sido apontado na Tabela 4, o que leva a um forte benefício para a economia dominicana.

Com base dessa análise, podemos dizer que, a economia dominicana pode beneficiar a do Haiti ao se compararem os seguintes dados já expostos para a compreensão da dinâmica das duas economias em um contexto marcado pela integração regional, com a problemática levando a estabelecer duas características distintas: a) o aperfeiçoamento do *status quo*, de forma que a economia haitiana representa um peso para a República Dominicana; b) uma reorganização econômica que pode ser focada em seu potencial para permitir a formação de um parceiro comercial dinâmico na região.

Porém, esse estado da economia mostra-se um reflexo das inanidades crescentes entre ambas as economias, consequência de escolhas completamente distintas e também da incapacidade da economia de oferecer ou preconizar os sistemas de evolução ou crescimento apropriados entre as duas economias insulares.

### **Considerações finais**

Além da percepção trivial da vida cotidiana da área de fronteira dominicano-haitiana, a qual mantém, ainda, as dinâmicas do comércio entre as duas economias por meio da fronteira. Em relação aos dados estatísticos analisados em termos de trocas de atividades comerciais prejudiciais para a economia haitiana, é relevante enfatizar que o comércio informal teve um peso muito significativo e, no entanto, pelo motivo que no território haitiano, essa dinâmica comercial é efetuada especificamente, sem nenhuma supervisão concreta, por pequenos comerciantes e agricultores, que, portanto, possuem um papel crucial para a economia interna. Inicialmente, essas condições não possuem muito benefício para aos camponeses haitianos, os quais, entretanto, se posicionam no mercado da República Dominicana, e atendem à demanda através de um conjunto de produtos.

No entanto, por parte da República Dominicana, há uma série de medidas que se destinam a auxiliar os pequenos comerciantes e empreendedores para que sejam capazes de auferir/receber melhores rendimentos possíveis no mercado desse país visto que isto é uma ferramenta importante para integrar os pequenos comerciantes e dá acesso para fortalecer e contribuir no crescimento da economia dominicana.

Dado exposto o caso das relações intercambiais comerciais para a República Dominicana, o Haiti foi considerado como um grande mercado e também uma fonte de matéria-prima para a manutenção de certos setores agroindustriais. Além do mais, percebe-se que há importação pela República Dominicana de alguns produtos do Haiti em quantidade

considerável, mas essas fazem pressão sobre os preços dos produtos domésticos dominicanos, e também fortalecendo as exportações intercambiais de seus produtos para os mercados externos, principalmente, os Estados Unidos.

Podemos constatar que havia uma lógica de interdependência entre as duas economias insulares, na medida em que os comerciantes haitianos ou camponeses chegam sem as fiscalizações ao mercado dominicano por seus próprios meios, e, sobretudo no mercado transfronteiriço, mesmo que levem a encarar todo um conjunto de constrangimentos vinculados com o monitoramento da área de fronteira pelos soldados dominicanos. Dessa forma, é de soma importância ressaltar que as origens/princípios de interdependência estão vigentes entre os dois países, visto que o mercado e a agricultura do Haiti possuem uma capacidade que não é explorada e com a falta do investimento do governo; outro fato a ser destacado é, as incorporações da economia dominicana em alguns mercados, que concedem uma possibilidade para os dois Estados. Em virtude de todos os aspectos mencionados, esses fundamentos de subordinações e de complementaridades das relações comerciais entre o Haiti e a República Dominicana, requerem direito a ser aproveitado numa lógica de interdependência numa conjuntura de integração regional entre os dois países.

### Referências bibliográficas

ALFONSO, Haroldo Dilla. De problemas y oportunidades: intermediación urbana fronteriza em República Dominicana. *Revista Mexicana de Sociología*, vol. 67, n°1, p.99-126, 2005.

ARROYO, Mônica. Circuitos espaciais de produção industrial e fluxos internacionais de mercadorias na dinâmica territorial do estado de São Paulo. *Boletim Campainheiro de Geografia*, vol. 2, n°1, 2012.

BENKO, Georges. Mundialização da economia, metropolização do mundo. *Revista do Departamento de Geografia*, n. 15, p. 45-54, 2002.

BRANDÃO, Carlos Antonio. **Território e Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. 2ª ed. Editora: UNICAMP/SP, 2012.

CATAIA, Márcio. **Fronteiras: territórios em conflito**. In Anais do XIII Encontro Paranaense de Estudantes de Geografia (EPEG). Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2010.

CATAIA, Márcio. Quem tem medo das fronteiras no período da globalização? *Revista Terra Livre*, vol.1, n° 40, p.65-80, 2013.

CEI-RD. **Perfil comercial: República de Haiti**. Santo Domingo: Centro de Exportación e Inversión de la República Dominicana (CEI-RD), 2016.

Centre de Facilitation des Investissements (CFI) (2016). **Les flux commerciaux entre Haïti et la République Dominicaine**. Opportunités pour accroître la production haïtienne. Port au Prince, 2016. Disponível em <http://www.haitilibre.com/docs/flux2.pdf>>. Acessado em 29 de março de 2020.

DORFMAN, Adriana; CARDIN, Eric Gustavo. Estratégias espaciais do ativismo em condição fronteira do Cone Sul. *Revista colombiana de Geografia*, vol.23, nº 2, p.31-44, 2014.

KRUGMAN, Paul. **Increasing returns in a comparative advantage world**. United States: Princeton University and The New York Times, 2009.

KRUGMAN, Paul R; OBSTFELD, Maurice; MELITZ, Marc J. Países em desenvolvimento: crescimento, crise e reforma. In KRUGMAN, Paul R; OBSTFELD, Maurice; MELITZ, Marc J. (Org). **Economia internacional**. 10ª edição, [tradução Ana Julia Perrotti-Garcia]. – São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015, p.523-557.

MACHADO, Lia Osorio. STEIMAN, Rebeca. **Limites e fronteiras internacionais: uma discussão histórico-geográfica**. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 1-16, 2002.

MEZZADRA, Sandro. Dossiê: “Migrações e fronteiras”. Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade. *Revista Interdiscip. Mobil Hum*, vol. 23, nº 44, p. 11- 30, 2015.

MEZZADRA, Sandro; NEILSON, Brett. **La frontera como método, o, la multiplicación del trabajo**. Buenos Aires. Tintas Limón, 2016.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política:uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2006.

REDDON, Marie. Frontière poreuse, État faible? Les relations Haïti / République dominicaine à l’aune de la frontière. *Bulletin de l’Association de géographes français*, v. 87, nº 3, p. 308-323, 2010.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. A natureza do poder: técnica e ação social. *Interface- comunicação, Saúde, educação*, vol. 4, n.7, p. 13-24, 2000.

SANTOS, Milton. **Trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo**. São Paulo, Editor: Hucitec, 1978.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996 [1999; 2009].

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. Londres: 3ª Edição, 1784.

SOUZA, Edson Belo Clemente, GEMELLI, Vanderléia. Território, região e fronteira: Análise geográfica Integrada da Fronteira Brasil/Paraguai. 2011. *Revista brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 13, n.2, p.101-116, Brasil, 2011.

Artigo recebido em 19-03-2021  
Artigo aceito para publicação em 06-06-2022